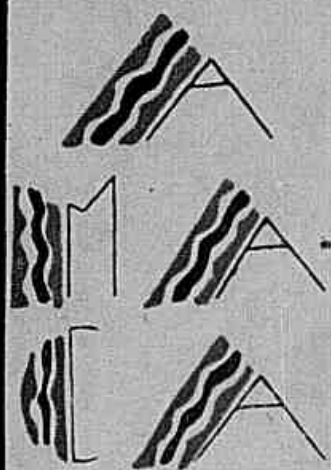




DIRECTOR
CONSELHEIRO X. X.

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
24 SEÇÃO



ANNO III

Nº 153

A onda nos belja e fustiga
A perna, os selos, o rosto...
E inda no mundo ha quem diga
Que a agua do mar tem «mau gosto»!...

RIO DE JANEIRO,

10

DE JANEIRO DE

1925

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.
 Proprietarios H. de Campos & Cia.
 Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar
 Administração: Rua da Quitanda, 59
 Officinas: Avenida M-m de Sá, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil
 Assignatura e venda avulsa

Estados:		Capital:	
Anno.....	25\$000	Numero avulso.....	\$500
Anno (sob registro).....	50\$000	Atrasado.....	\$600
Numero avulso.....	\$600	Idem, sob registro mais..	\$600
Para o Exterior		Registrado:	
Anno.....	50\$000	Anno.....	60\$000
Semestre.....	30\$000	Semestre.....	35\$000
Publicação retribuida - (Anuncios) — Preço por vez		Em papel assestinado	
Em papel couchê		Em papel assestinado	
1 pagina.....	250\$000	1 pagina.....	200\$000
1/2 ".....	130\$000	1/2 ".....	110\$000
1/4 ".....	70\$000	1/4 ".....	60\$000
Capa anterior - (cores)...	450\$000	Publicações especiaes no texto, 55\$000	
Contra capa, 1.ª e 2.ª ..	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	
Toda correspondencia deve.. ser dirigida a João de Abreu			

Cabellos

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis

A Loção Brilhante é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorisada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e as affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a queda do cabelo.
- 3.º — Os cabellos brancos descorados ou grisalhos voltam á sua côr primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e casas de perfumarias de 1.ª ordem.

* A bordo de certo navio havia um medico de curta sciencia, que só receitava agua do mar. Se um marinheiro tinha dor de cabeça, mettia-lhe pela bocca um litro d'agua do oceano; se quebrava a perna, ou o braço, era infallivel uma lavagem de agua salgada. Certa noite, estava o esculapio a passear no convez do navio, quando veio uma onda, e o carregou. O marinheiro que estava de quarto e que era uma das suas victimas, viu o desastre, e não disse nada a ninguém. Mais tarde, procuraram o medico por todo o navio.

— Não o viste? — pergunta-lhe o commandante, afflicto. E o marinheiro, apontando para o mar:

— Vi, sim, senhor; elle desceu ali para a pharmacia... X. X.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico effcaz e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomal-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «de-livrance».

Lic. pelo D. N. S. P. em 23-5-19 0, sob o n. 44

TOSSE

e MOLESTIAS do PEITO
usem sempre o

"GRINDELIA"
DE OLIVEIRA JUNIOR

— PODEROSO CALMANTE, TONICO
E EXPECTORANTE —

Pedir e exigir sempre: **"GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR"**

AS CASAS INDIANA

RUA OUVIDOR, 134

LARGO DE S. FRANCISCO, 24 e 26

TÊM o prazer de communicar ao illustrado povo carioca, que continuarão **por todo este mez**, a sua venda extraordinaria, a preços excepçionaes. Tendo os proprietarios feito sortimento de grandes **stocks**, poderão, por isso, vender os mais finos e uteis artigos de.

Camisaria

Alfaiataria

Chapelaria

Perfumaria

a preços 10, 20 e 30 % menos que em outra qualquer casa do mesmo ramo de commercio.

Comprar nas **CASAS INDIANA**, significa:

FAZER ECONOMIA

A SAUDE DO HOMEM

A AURORA DA VIDA NO OCCASO DA EXISTENCIA ~ A MARAVILHA DA VELHICE

A SAUDE DO HOMEM é um medicamento ideal porque representa a poderosa associação de substancias vegetaes de grande valor no desenvolvimento das forças organicas.

Os centros nervosos, sob a acção dynamica desse medicamento estupendo, entram em toda a sua funcção physiologica, e o homem, mesmo no franco declinio de sua vitalidade, sente-se remoçar. E uma verdadeira aurora que surge no occaso da vida!

O cerebro, altamente revigorado pelo extraordinario poder tonificante da A Saude do Homem, faz sentir a sua acção motora sobre todo o systhema nervoso manifestando-se assim em franca plenitude, a funcção genital.

A SAUDE DO HOMEM não contem nem traços de substancias que excitam de momento o systhema nervoso, trasendo enganosas manifestações de virilidade. A sua maravilhosa acção para transformar o velho em moço, é toda devida ao seu grande poder tonico, por isso deve ser tomada perseverantemente por algum tempo, na certeza de que o effeito se manifestará seguro e prolongadamente.

Tomai, pois, A SAUDE DO HOMEM e voltareis aos deliciosos dias da juventude. Cada experiencia uma conquista. Crêde.

APPROVADA PELA SAUDE PUBLICA FEDERAL SOB O N. 709

Unicos fabricantes: **ANTONIO GUILHERME & FILHO** — PHARMACEUTICOS E DROGUISTAS.
BREJO - MARANHÃO

Vende-se em todas as Drogarias e boas Pharmacias

DEPOSITARIO NO RIO: **PAUL C. SCHILLING** — Rua Primeiro de Março n. 4



Mulato não larga a faca,
Nem branco a «sabedoria»,
Cabra não larga a cachaça,
Nem nêgo a feitiçaria.



SORÉT

E'
SOBERANO

NOS CASOS DE ENFRAQUECIMENTO DOS NERVOS,
FALTA DE MEMOIA, INSOMNIAS, E FALTA DE
APPETITE

ELIXIR DE SORÉT VENDE-SE EM TODAS AS
PHARMACIAS E DROGARIAS, APPROVADO PELA DIRECTORIA
DE SAUDE PUBLICA em 26/6/1919 sob N. 97

☺☺ No Icó existiu um sapateiro chamado Patricio José Roberto. Era vulgarmente conhecido por «Patricinho», e vivia quasi sempre ebrio. Ficava enfurecido com a alcunha de «lambe-sola». «Vadiação? Faca de ponta há de sê teu fim!» era a praga com que replicava á invectiva dos meninos «malinos».

Estando alcoolizado, andando «cosendo bainha», andando «cercando frango», era certo seu grito pelas ruas :

— Patricinho Zé Roberto ! Patricinho Zé Roberto nunca deu ponta sem nó !

Si o vento lhe arrebatava o chapéo, Patricinho enfurecia-se e pisava o «casco de peba», apostrophando-o com os nomes mais obscenos. Jactancioso, dizia ás vezes :

— Um dia, larguei os cinco dedo na fuça d'um, lá nelle, que a filicidade do bruto foi levá uma borracha d'agua e uma mochila de carne pisada. . .

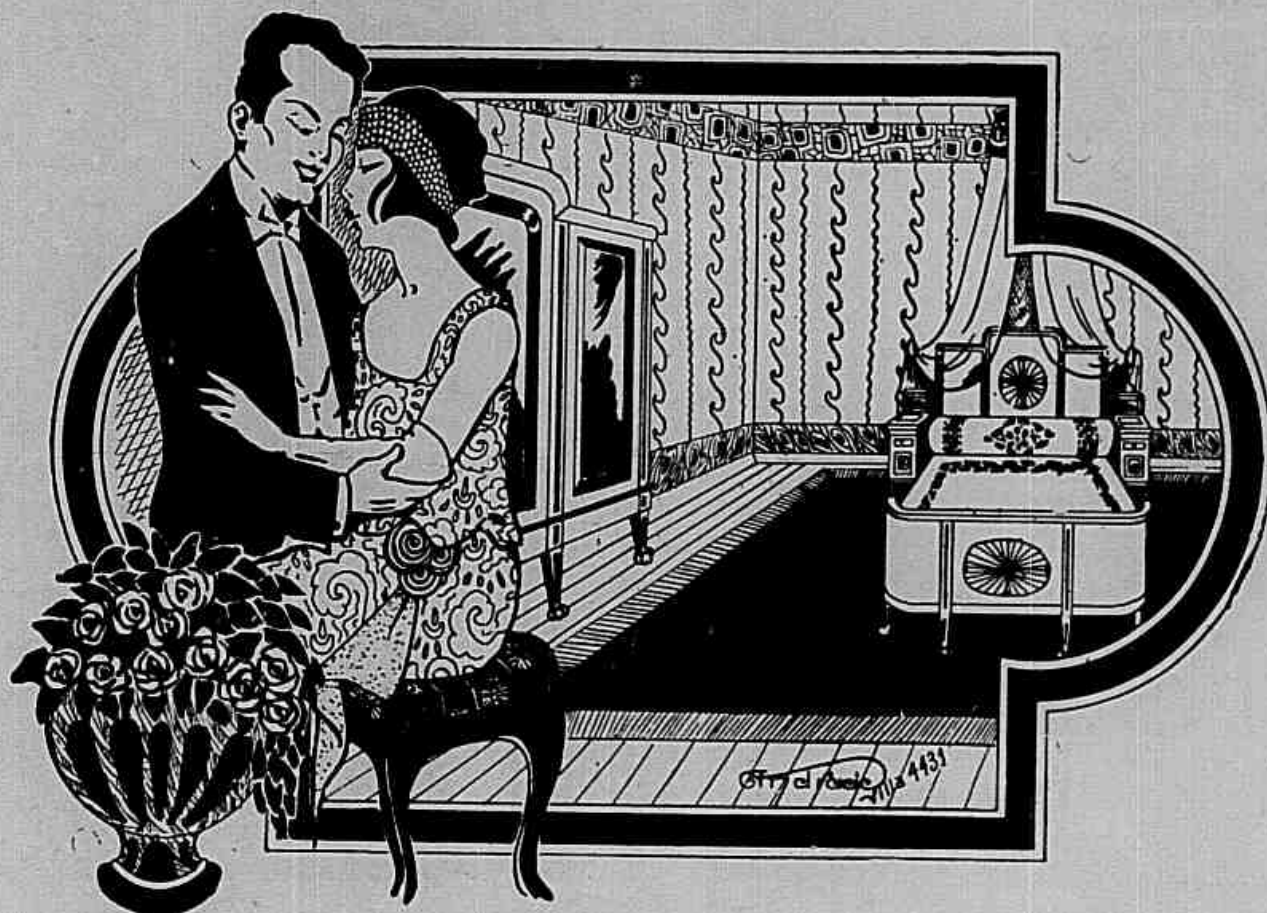
— Pra que?—perguntaram os circumstantes.

— Pra comê no camim, porque foi batê da casa do diabo pra lá, tres dia de viagem. . .

LEONARDO MOTTA

ELEGANCIA...

ELEGANCIA, FACTOR DE BELLEZA E HARMONIA, E' A PRINCIPAL CARACTERISTICA DO

"LEÃO DOS MARES"

A graça e perfeição dos seus **MOVEIS** têm conquistado o mundo elegante; seus artisticos modelos talhados com todo conforto apresentam o maximo de **ECONOMIA** devido aos preços excepcionaes

TELEPHONE N. 822

MOURÃO & AMÉRICO

RUA DO PASSEIO, 110
(Largo da Lapa)

SAUDE - FORÇA - VIGOR
adquire-se com ousos do

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

**UMA POSITIVA
PROVA DE MERITO**

A Preparação do Dr. Crossman é um medicamento interno para combater eficazmente a Gonorrheia aguda ou chronica e todas as doenças venereas de ambos os sexos.

A acção benefica da Preparação do Dr. Crossman sobre as mucosas infectadas e inflammadas, é augmentada pela acção de outras substancias componentes que facilitam a secreção e expulsão da urina. N'isto consiste precisamente o seu extraordinario valor para a cura das inflammções dos rins e bexiga e outras enfermidades semelhantes.

Não produz sensação ou effeito desagradavel no estomago ou rins e torna desnecessarias injeções e irrigações. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre maravilhosamente o que outros tratamentos não passam de prometter.

A venda em todas as principaes Pharmacias e Drograrias.

Patente 142, de 3 de Julho de 1917

NÃO DEVE FAZER SUAS COMPRAS

sem primeiro verificar o soberbo sortimento de sedas, lãs, linhos, cambraias, organdy, voillagens e uma bem sortida secção de meias dos melhores fabricantes, para homens, senhoras e crianças, por preços que desafiam qualquer concorrência. ::::::::::

CASA TEDESCO

9, Rua Gonçalves Dias, 9

*** Um destes dias, veio-me á cabeça fazer uma experiencia, e não foi sem uma certa emoção que penetrei pela segunda vez na minha vida, no restaurante do "Grande Hotel" O meu relógio marcava sete horas em ponto quando eu pedi a sopa. A's oito e cinco, quando o "garçon" passou pelas proximidades da minha mesa, eu já havia comido todo o pão e a metade da mostarda que encontrei á minha disposição. A's nove e quarenta quando já principiava a comer o calunga do paliteiro, o "garçon" passou de novo, perto de mim. Apanhei-o pela aba, e perguntei pela minha sopa.

— De que era a sopa que V. Ex. pediu? — indagou o homem.

— De tartaruga! — respondi.

O «garçon» olhou-me sorrindo, e desculpou-se:

— Se é de tartaruga, como é, então, que V. Ex. pretende que ella venha depressa? — X. X.

ODONTOL

PASTA PO' - ELIXIR

DENTIFRICIOS

MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLARÉAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

FCO. GIFFONI

1º de Março 17

Morena, você me mata.
Com essa graça que têm;
Você fica criminosa,
E eu sem você, meu bem!

IFILMANID. C H R O N I C A

Quem foi que disse que não existe cinematographia nacional?

Quem foi que proferiu tamanha blasphemia?

Fosse lá quem tosse, demonstrou a mais completa ignorancia, ou a mais ignobil má fé. Pois não vemos ahi espalhadas pelo Rio, e não só no Rio, mas em Minas e S. Paulo e quiçá em outros Estados, diferentes empresas cinematographicas, cujo defeito unico é não possuirem nomes inglezes, cheios de «Associated», e «Corporation», e quejandas barbaridades?

Grande defeito, em verdade, defeito insanaavel, é ter uma empresa cinematographica um nome commum e burguez, verbigratia, «Botelho-Film», nome rococó e ingrato, feito para ser esquecido e desprezado.

Chamar-se «Botelho-Film» e estar situada na Rua do Rezende, taes são as razões de ninguem dar maior importancia á empresa, por mais que ella se esforce por agradar.

E como esta são todas as outras. Nomes nacionaes, sédes em territorio nacional, e o publico começa immediatamente á descrever. Ninguem é propheta em sua terra. Ainda se dessem um ar de fóra, de estrangeiro ao nome, va lá, mas assim como é, portuguez legitimo, Botelho, não pode ter cotação, não pode figurar ao lado dos nomes redondos e cheios, sonoros e pomposos das Paramount e Metro, e Firts National etc.

Nós, se tivéssemos algum dia, de fundar uma empresa cinematographica, não cahiriamos na asneira de chamar-lhe Cascadura-Film ou Copacabana-Film; não. Buscaríamos um nome estranho, uma designação rebarbativa, difficil de pronunciar e mais ainda de comprehender, collocariamos a sua séde na grande republica Norte-Americana, e apenas deixariamos aqui uma simples filial, menos que isto, uma agencia encarregada da distribuição e collocação dos films.

Os artistas seriam forçados a mudar de nome e de nacionalidade; seriam americanos, russos, japonezes ou persas, mas nunca brasileiros. E até as citações litterarias seriam prohibidas, nos letreiros.

Films nacionaes, com artistas e directores nacionaes, poderiam, assim, ser acolhidos com agrado pelo publico nacional.

Porque não procedem assim, os cinematographistas brasileiros se diz que não existe a cinematographia nacional. Ella é ignorada ou desprezada porque tem, entre outros grandes defeitos, o defeito enorme de ser brasileira.

E', talvez, por isso, que alguns cinematographistas têm enxertado em seus elencos nomes illegiveis, retumbantes, e incomprehensíveis, principalmente quando estropiados pela bocca mimosa de uma melindrosinha carioca.

Se dá resultado, o truc, não sabemos. Mas é provavel que dê. Se não dá, é que o publico é menos idiota do que pensavamos.

M.

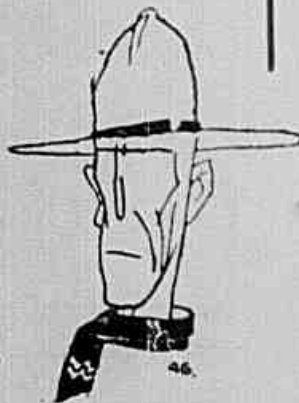


Pauline Starke, Rod La Rocque e Adolphe Menjon são os principaes coadjuvantes de Pola Negri no film «Forbidden Paradise», da Paramount, dirigido por Ernst Lubitsch.

Entre os proximos films da Firts National, figura «Enticement», de Thomas Ince, interpretado por Mary Astor, Clive Brook e Ivan Keith. O director é George Archanibaud.

George Fitzmaurice será o director das duas proximas producções de Samuel Goldwyn para a First National.

«My Son», da First National será interpretado por Alla Nazimova, Hobart Bosworth, Pauline Garon, Ivan Keith e William Collier. A direcção está a cargo de Edwin Carewe.



HEMORRÓIDAS

Tratamento radical por processo absolutamente indolor (sem operação) empregado nos Hospitais de Paris — DR. LUIZ SODRE — Assist. Fac. Med. do Rio — Ex-assist. do Hosp. St. Antoine de Paris — Rosario, 140 — De 1 ás 5 — Norte 3070

A direcção da proxima producção da Fox, com Shirley Mason no papel principal, está entregue a Allan Hale.



«Folly of Vanity» é o título de um film da Fox em que tomam parte Billie Dove e Betty Blythe.

O proximo film de Shirley Mason para a Fox intitula-se «The Scarlet Honey-moon».

John Robertson será o director de «New Toys», da First National.

Ben Lyon é o interprete principal do film «One Way Street», que a First National editará dentro em pouco.

«Dick Turpin» é o titulo de um film de Tom Mix, dirigido por Allan Hale.

Doris Kenyon, Ronald Colman e Aileen Pringle são os principaes artistas que apparecem no film «A Thief of Paradise», da First National.

George Fitzmaurice será o director do film «World Without End», da First National.

«Kings in Exile» é o titulo da proxima producção de Victor Seastrom para a Metro-Goldwyn. O elenco desse film se compõe de Alice Terry, Eugenie Besserer e Lewis Stone ou David Powell, alem de outros.

Irving Communnings será o director do film «One Year to Live», producção de M. Leeve para a First National.

«Keirs Apparent» é uma producção de Edwin Carewe para a First National, cujos artistas ainda não foram escolhidos.

Jacqueline Logan, Clive Brook e Mary Astor vão fazer os principaes papeis do film «Playing With Souls», da First National.

Francis Ford vae apparecer em um papel secundario do film

«Soft Shoes», em que Harry Carey interpreta a principal personagem.

Richard Tucker é casado, ha bem pouco tempo, aliás, com Ruth Mitchell.

Norma Talmadge vae fazer brevemente «Madame Pompadour», para a First National, naturalmente.

Barbara La Marr é a artista principal que apparecerá no film «Hail and Farewell».



«A Thief of Paradise» será dirigido por George Fitzmaurice e interpretado por Doris Kenyon e outros.

William Russell fará o principal papel masculino do film «The Summons», da Metro-Goldwyn, ao lado de Matt Moore e Eleanor Boardman, sob a direcção de Robert Vignola.

Frank Lloyd será o director do film «Judgement», da First National.

Antonio Moreno e Constance Talmadge fazem os principaes papeis do film «Searing to Love», da First National.

O elenco do film «Judgement», ultima producção de Frank Lloyd para a First National é composto de Antonio Moreno, Patsy Ruth Miller, Ruth Clifford, Phyllis Haver, David Forrence, Walter Mac Grail e Frankie Darro.

«Secrets of the Night» é o título de uma producção da «White Lést», da Universal, cujo elenco se compõe de James Kirkwood, Madge Bellamy, Zasu Pitts, Tom Wilson e Rosemary Theby.

DR. PAPAFITA

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

HEMORRHOIDAS

SEM OPERAÇÃO

DR. RAUL PITANGA SANTOS

Da Faculdade de Medicina

Rua do Passelo, 56-Sob.

Cons. de 1 ás 4 horas

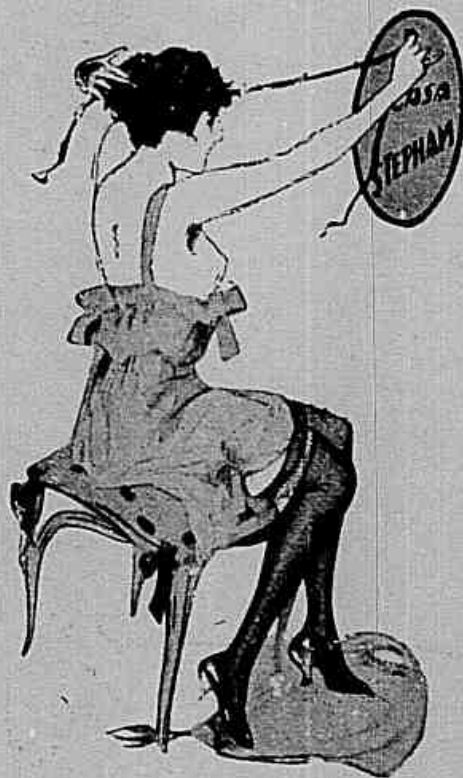


VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE**

A CASA STEPHAN

TEM SEMPRE EM STOCK:



MEIAS
ELEGANTES
PERFEITAS
DE PURA SEDA
Fio da Escossia
DE ALGODÃO

O seu sortimento é escolhido nos melhores fabricantes.

Homens, senhoras e crianças, encontram o que escolher, porque **MEIAS** é a especialidade do nosso commercio.

RUA URUGUAYANA, 12

* * Certa senhora relativamente infeliz, teve o desgosto, ou, antes o prazer de perder o seu companheiro de brigas. Ainda o corpo estava no salão entre quatro cirios fumegantes, e já a viuva escolhia através das lágrimas o melhor candidato ao preenchimento da vaga. A saída do feretro soltava ella uns gritos nervosos, guinchados, quando um dos amigos que conduziem o caixão se perturbou, fazendo com que o esquife batesse no batente da porta. Subito, ouviu-se um ronco sornio que subia da caixa de pão. Abriram o esquife e, para desillusão da pobre moça, verificaram que o marido tinha sido victima de um insulto cataleptico, do qual despertára com o baque no batente!

Mezes depois, repeliu-se o mesmo caso, deixando a familia alarmada.

Convencidos de que o homem havia morrido mesmo dessa vez, os amigos trataram do enterramento, com toda a solemnidade. E, á hora do caixão sahir, ouviu-se uma voz previdente, que avisava, alto da esceda:

— Cuidado com o batente!

Todos olharam para cima. Era a viuva... — X. X.

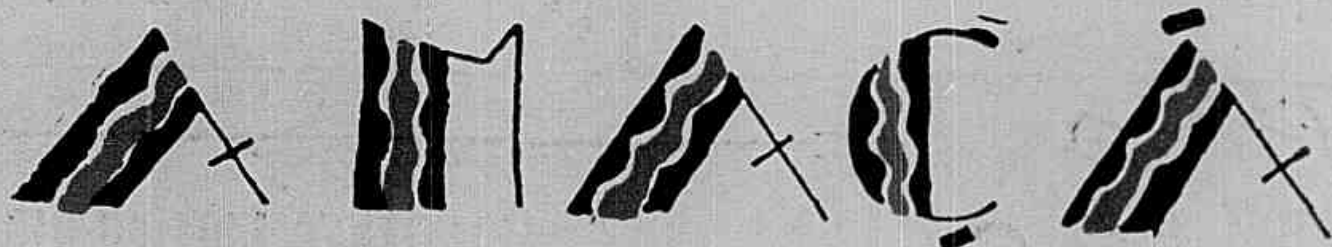
Um olhar atencioso...



...Sobre um modelo de Verão apresenta-
do pela

Notre Dame de Paris

182 ouvidor



10 11 12 13 14 15 16 17

CONSELHEIRO XX.

N. 153 ANNO. III



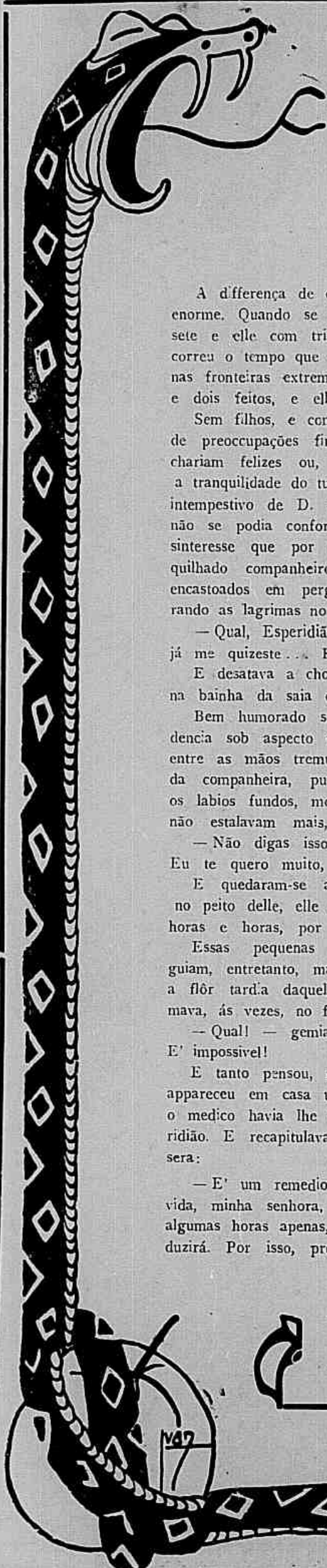
Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1913

O VISITANTE



OM tres annos e meio de idade, o Ernestinho era de uma vivacidade alarmante. Olhinhos azues muito vivos, rostinho muito vermelho, cabellos alourados, cortadinhos á inglesa, era uma criança linda, admirada por toda a gente do quarteirão. E era essa preciosidade, mesmo, que preocupava D. Leticia, cuja vida decorria prospera, suave, deliciosa, num ambiente de conforto e de perfeita tranquillidade. Casada ha cinco annos com um honrado funcionario publico, D. Leticia possuia, desse consorcio, apenas aquelle rebento. Boa criatura, o marido ganhava, apenas, quatrocentos e tantos mil réis: a moça era, porém, tão economica, tão parcimoniosa, que conseguia, com esse dinheiro, pagar uma casa de quinhentos e receber nella, numa atmospha de elegancia e de fartura, um amigo exigente como era o senador Feliciano Gonzaga de Magalhães. Homem de dinheiro e de prestigio, o eminente parlamentar não se desdourava de apparecer, duas vezes por semana, na residencia do modesto funcionario. Aquella vida do casal encantava-o. E não era por outra coisa que elle apparecia ali, ás segundas e sextas, conduzindo no automovel uma cesta com fructas, queijos, e vinhos, destinados a um «lunch» familiar. A's vezes, essas visitas mudavam de dia; o visitante era, porém, recebido sempre com a mesma effusão, com a mesma alegria, com as mesmas homenagens, que prendiam cada vez mais o antigo representante da nação. Segunda-feira passada, o poderoso politico não appareceu. Sabbado, porém, o telephone tilintou, com insistencia. Ao collocar o phone no gancho, D. Leticia trazia uma novidade. — «Luiza?» — chamou, dirigindo-se á criada. — «Prepare o meu «peignoir» azul e aquella camizinha de seda branca.» A essa noticia, o pirralho, que enfileirava uns soldadinhos de madeira, accorreu, os olhinhos muito vivos: — «Mamãe, o senador vem hoje?» — «Vem,» — informou a moça, seccamente. E o pequenito, a cabecinha levantada: — «A que horas eu tenho que ir passear com o papae?»

CONSELHEIRO X. X.



O ELIXIR, pelo ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

A differença de idade, entre os dois, havia sido enorme. Quando se casaram, ella estava com dezesete e elle com trinta e cinco. E tão justo lhes correu o tempo que ali se encontravam, um e outro, nas fronteiras extremas da vida, ella com cinquenta e dois feitos, e elle com setenta, por fazer.

Sem filhos, e com uma fortuna que os libertava de preocupações financeiras, os dois velhos marchariam felizes ou, pelo menos, resignados, para a tranquillidade do tumulto, se não fosse aquelle ciúme intempestivo de D. Leonarda. A veneranda senhora não se podia conformar, effectivamente, com o de sinteresse que por ella manifestava o seu encarquilhado companheiro, e era limpando os olhos encastoados em pergaminho que lhe dizia, procurando as lagrimas no intrincado labyrintho das rugas:

— Qual, Esperidião, tu não me queres mais! Tu já me quizesse... Hoje, não!

E desatava a chorar, enxugando os olhos fundos na bainha da saia caseira.

Bem humorado sempre, e olhando a sua decadencia sob aspecto mais positivo, o ancião tomava entre as mãos tremulas e rugosas a cabecita alva da companheira, punha-lhe nos cabellos de neve os labios fundos, molles, tristes, em que os beijos não estalavam mais, e tranquillizava-a, carinhoso:

— Não digas isso, Dadá; sim? Não digas isso. Eu te quero muito, muito, muito...

E quedaram-se abraçados, ella com a cabeça no peito d'elle, elle com o rosto nos cabellos d'ella, horas e horas, por muito tempo.

Essas pequenas scenas affectivas não conseguiam, entretanto, matar no peito de D. Leonarda a flôr tard'a daquella esperança, que se transformava, ás vezes, no fructo de uma suspeita.

— Qual! — gemia. — Elle não me quer mais! E' impossivel!

E tanto pensou, meditou, reflectiu que, um dia, appareceu em casa um vidro de medicamento, que o medico havia lhe dado, para ministrar ao Esperidião. E recapitulava tudo que o doutor lhe dissera:

— E' um remedio que só se toma uma vez na vida, minha senhora. Passado o effeito, que é de algumas horas apenas, nunca mais o facto se reproduzirá. Por isso, preste bem a attenção.

E rememorava, palavra por palavra, a recommendação:

— Tomadas as duas primeiras colheres, o paciente mostrará, logo, alegria, contentamento, jovialidade, desejo de locomover-se, de andar, de passear. Deixe-o sahir, porque, minutos depois, elle voltará ancioso, cahindo apaixonadamente em seus braços!

D. Leonarda tremia, toda ella, ao pensar, como se fosse uma noiva, no que ia acontecer. A' tardinha, tomou o seu banho morno, procurou no fundo de uma grande mala uma camisa de rendas que lá dormia, amarellada, entre flôres murchas, e, ás sete horas, deu a primeira colherada ao velhinho. A's oito, deu outra, e observava, attenta, os effeitos do elixir miraculoso, quando o marido, após alguns passeios pela casa, entremeiados de beijos e pilherias picantes, pediu, estendendo os braços de arbusto secco, e apertando-a entre elles:

— Filhinha, dá-me o meu chapéo e o meu paletot; sim? Estou com vontade de andar, de mover-me, de espairecer!

E recebendo o paletot e o chapéo:

— Até já; sim?

E despediu-se, beijando-a nas duas faces.

Tremendo toda, como quem espera seu noivo, D. Leonarda recompoz a casa, correu no quarto de dormir, vestiu a camizinha amarellada, guardada durante quinze annos, repuxou os cabellos, passou no rosto e nos braços um pouco de agua de Colonia, encostou a porta do aposento, e metteu-se, nervosa, debaixo do lençol de linho, tirado do bahú naquella dia. E esperou. O relógio da igreja proxima deu nove horas. Deu dez. Deu onze. E o Esperidião sem chegar!

— Que teria acontecido, minha Nossa Senhora! — gemia a velhinha, afflicta.

Por duas vezes, foi á janella, e olhou a rua. Nada. Ninguém. Ouviu dar uma hora. Duas. A's duas e meia, abalada por tantas emoções, adormeceu.

De manhã acordou com um barulho desusado na rua. Correu á porta.

Era a Assistencia que trazia o Esperidião, encontrado sem sentidos, pela madrugada, no interior de uma casa suspeita, nas visinhanças da Lapa.

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS



HYPNOTISMO POR MAURICE AUBEL

(Trad. d'«A MAÇA»)

A' beira-mar, em um confortavel chalet de estylo normando. O sr. e a sra. Brisebise, dono e dona da casa, e mais os seus hospedes: srs. Grattepié, Rongedos e Pipouison. Fala-se de hypnotismo e discorre-se sobre sciencias occultas. O sr. Pipouison declara-se possuidor de um fluido pouco commum, ao mesmo tempo que mme. Brisebise proclama a sua facilidade em ser hypnotisada. Assim, após um «Durma! eu o quero!» sufficientemente energico, mme. Brisebise, mergulhada em um somno extactico, soffre o interrogatorio do sr. Pipouison.

O SR. PIPOISON — A senhora está dormindo, dormindo profundamente, e vae nos revelar os misterios mais secretos, e os segredos mais misteriosos. Em que dia estamos?

MME. BRISEBISE — Eu não sei... Espere! Nós estamos... nós estamos na terça-feira!

O AUDITORIO (admirado) — Ah!... ah!...

O SR. PIPOISON — Durma!... Durma, cada vez mais profundamente. Que data é a de hoje?

MME. BRISEBISE — E' difficil e fatigante... Deixe-me pensar... Estamos a 28 de julho!

O AUDITORIO (espantado) — Oh!... Oh!...

O SR. PIPOISON — Um pouco de Historia. Onde morreu Napoleão?

MME. BRISEBISE — Piedade! Sinto dor de cabeça... Deixe-me respirar...

O SR. PIPOISON (severo) — Falle! eu o quero!

MME. BRISEBISE — Espere... Elle morreu em Rouen, na praça do Mercado... E' isso... Mais um pouco de fluido... Tenha paciencia commigo... Elle morreu em Roncevalhes... Não é isso ainda... Ah! em Santa-Helena!

O AUDITORIO (estomagado) — Hi!.. hi!..

O SR. PIPOISON — Continuemos com um pouco de literatura. * Eu tomo nesta estante um livro. E' uma tragedia intitulada «Athalie». Quem é o autor?

MME. BRISEBISE — Piedade!... piedade!... Minha cabeça rebenta!

O SR. PIPOISON (implacavel) — Falle! eu o mando!

MME. BRISEBISE — Eu vejo... eu vejo... E' Shakespeare... Ah! espere... E' Xavier de Montepin. Oh! minha cabeça! E' Racine..

O AUDITORIO (com ironia) — Hu!.. hu!..

O SR. PIPOISON — Para terminar, digame, confidencialmente e em voz alta, o nome do homem... entre as pessoas aqui presentes, o nome do homem mais terrivel em amor.

MME. BRISEBISE* (com um suspiro) — E' muito simples. O sr. Rongedos é, de todos, o mais ardente, mas o sr. Grattepié é o mais viciado...

O SR. PIPOISON — E o sr. Brisebise?

MME. BRISEBISE — E' melhor não falar!

O SR. PIPOISON — E eu?

MME. BRISEBISE (em uma duvida, agitada) — Eu não sei... eu não sei!

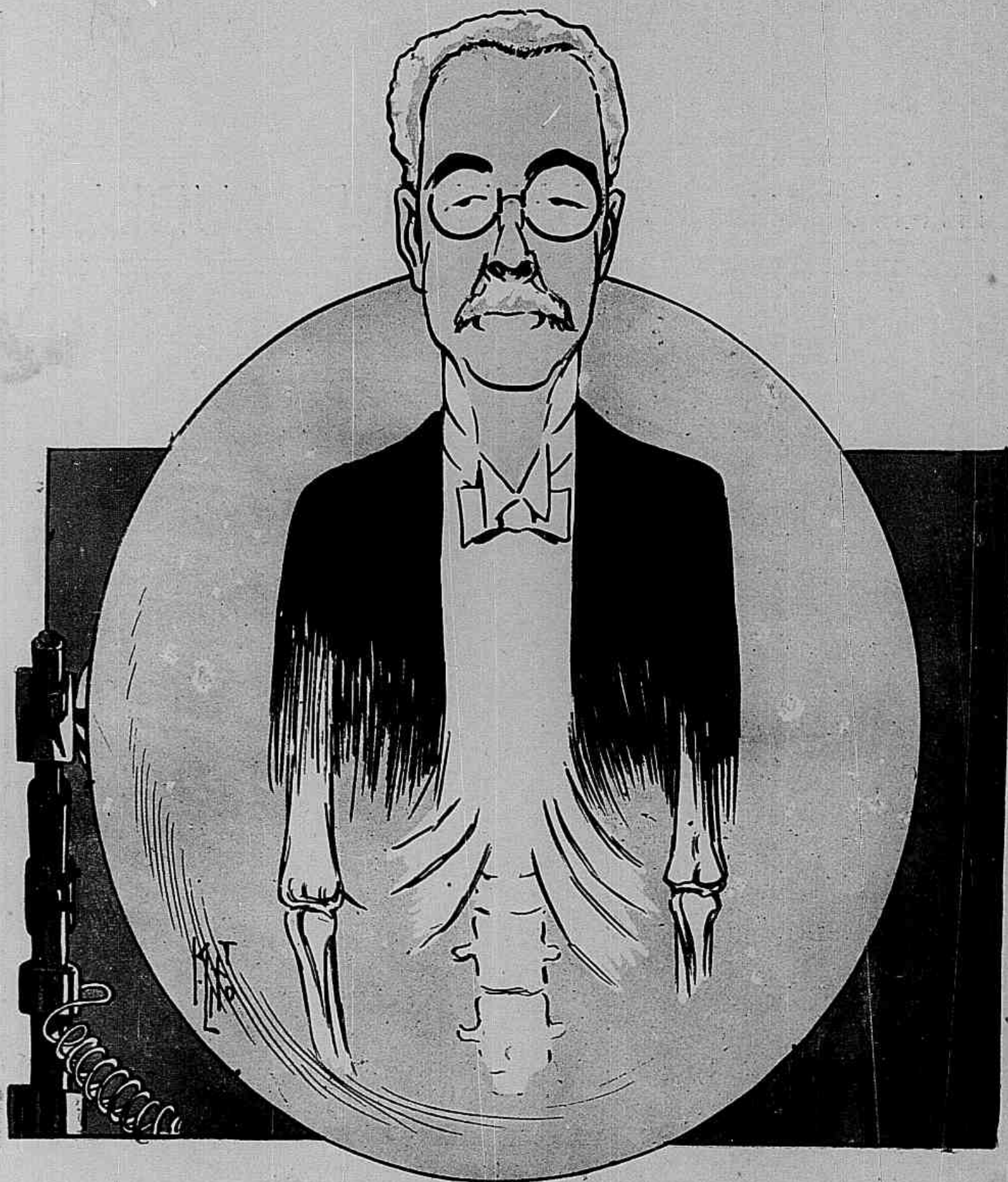
O SR. PIPOISON (vexado) — Falle! eu o mando!

MME. BRISEBISE — Eu não sei... O senhor chegou hoje de manhã... Eu não sei... ainda...

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ MAURICE AUBEL ♦ ♦ ♦ ♦ ♦



OS MARTYRES DA SCIENCIA



DR. ALVARO ALVIM

Introduçõr dos Raios X no Rio de Janeiro,
e que, victima gloriosa de sua sciencia,
acaba de receber as homenagens mais commovi-
das do governo e da cidade.

O CASTIGO DA ESPERTEZA POR GIOVANNI MORELLI

Gaudencio dos Santos Vianna ia pela rua dos Arcos, de regresso do escriptorio em que era empregado, quando, de repente, parou deante de um muro, em que se lia, em letras garrafas:

A HONESTIDADE
Companhia de Seguros
contra os riscos do casamento

Lido e relido esse annuncio, Gaudencio poz a mão no queixo, e continuou o caminho, meditativo. O seu cerebro, tão pouco fertil, havia tido uma idéa que seria, talvez, a base da sua fortuna.

No dia seguinte pela manhã, antes de ir para o escriptorio, o guarda-livros chegou á séde da companhia cujo annuncio havia lido no muro, perguntando pelo director.

— Faz favor de entrar, — pediu um continuo. No gabinete do director, Gaudencio indagou:

— E' exacto que os senhores fazem seguro sobre os riscos matrimoniaes?

— Perfeitamente, — informou, dando-lhe uma cadeira a seu lado, um cavalheiro alto, de barba negra e cerrada, correctamente vestido.

— Inclusive sobre a fidelidade das mulheres?

— Principalmente sobre isso, — confirmou o outro.

Gaudencio respirou alto, com soffreguidão, e expoz o seu desejo.

— Pois, bem, — disse. — Eu sou casado ha 15 annos com uma senhora que é um modelo de virtudes. Acho, porém, que as empresas como a dos senhores merecem o apoio publico, e é com esse proposito que venho segurar a minha felicidade conjugal.

Trazidos alguns prospectos, que o guarda-livros leu e releu, foi-lhe entregue uma folha em branco,

que elle encheu, com a sua letra segura, firme, impeccavel.

— Quanto tenho a pagar por um seguro de 50 contos?

— 150\$ por mez, — informaram-lhe.

Regularizados os papeis, verificou o rapaz que a honestidade do seu lar ficava garantida por 50 contos de reis, que lhe seriam pagos á primeira infidelidade da esposa. E como 50 contos representassem o ideal de toda a sua vida, começou desde logo a pôr em perigo a santa virtude da sua querida Mariazinha.

— Como ha de ser? — pensava.

E passava em revista, mentalmente, os amigos:

— Com o Saboya não é possivel; é um moleirão, incapaz de seduzir uma senhora. Com o Octavio, peor. Com o Baptista, ninguem acreditaria. Com o Rogerio, seria uma deshumanidade.

E concluia:

— Será, então, com o Carlos Borba!

A datar desse dia, o cuidado do Gaudencio consistia em approximar o Borba da encantadora Mariazinha. E tanto fez que, uma tarde, chegou ao escriptorio d'«A Honestidade» pedindo um guarda e duas testemunhas para constatarem o delicto.

Lavrado o flagrante, devidamente testemunhado, correu Gaudencio ao escriptorio da companhia, para receber o dinheiro.

— Que dinheiro? — indagou o director.

— O dinheiro da apolice, — informou, serio. O director encarou-o, sorrindo, e objectou:

— O senhor não sabe, então, que as companhias não pagam seguro contra fogo quando o incendio é proposital? Pois, bem; o senhor estava sendo vigiado, seguido, acompanhado pelos nossos agentes. Elles viram o que o senhor fez para perder sua esposa e embolsar a importancia do seguro. Nada tem, pois, a receber.

Foi a ultima vez que Gaudencio «segurou» a mulher.

GIOVANNI MORELLI

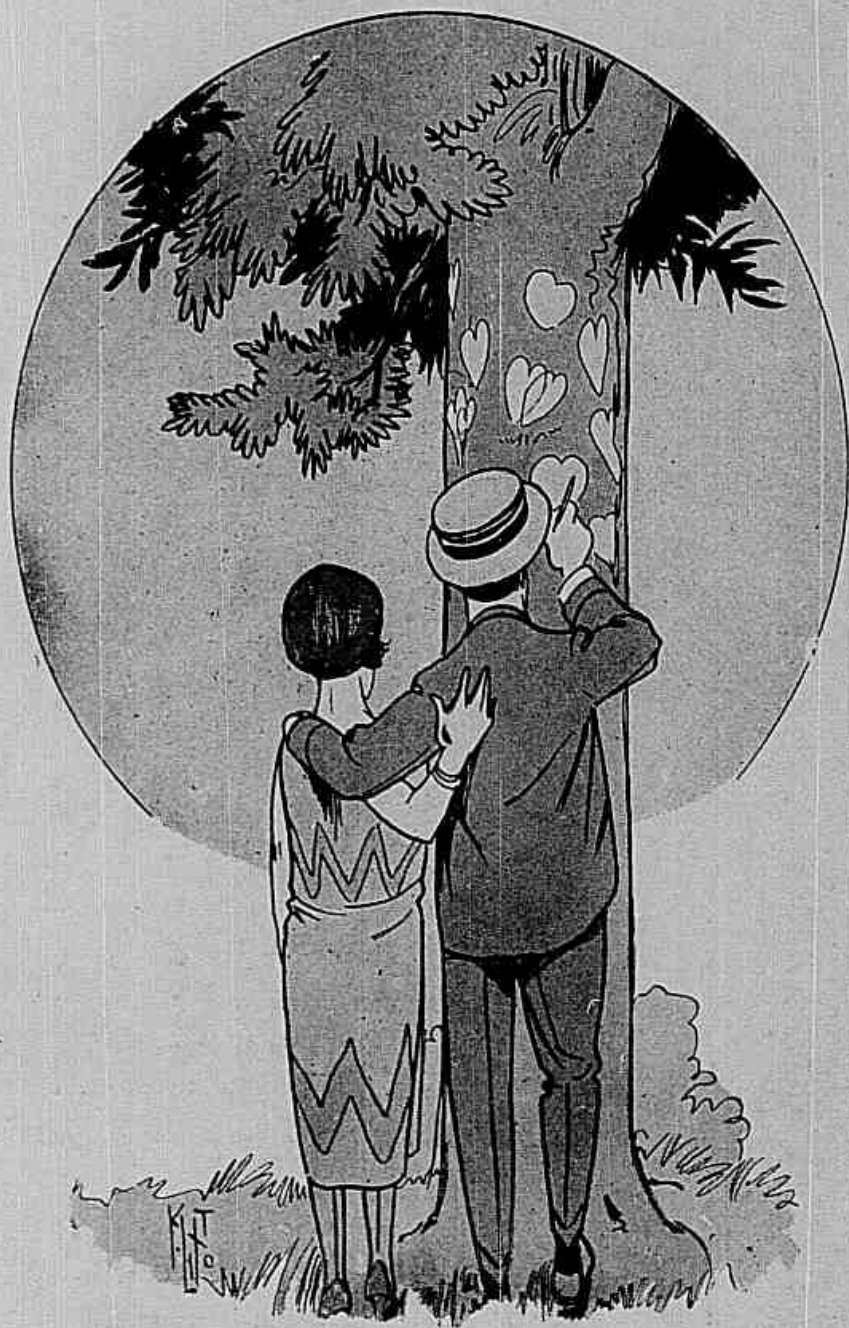
O DETECTIVE, CONTO DE RENÉ BUZELIN

(Trad. d' «A MAÇA»)

«Minha querida. — Tudo vai bem. Estarei no lugar combinado. Mil beijos do teu. — Tótó».

A leitura desse bilhete laconico, mas sufficientemente explicito, que acabava de encontrar em uma das alças do seu jardim, o gordo sr. Laberdagne solta uma surda queixa,

TROCADILHO



ELLA — Fazes isso de coração?

ELLE — Sempre fiz decoração.

partida do mais fundo do coração. Em seguida, sentindo as pernas esmorecer sob o seu peso, desaba sob um banco de madeira, que, não o podendo supportar, solta, por sua vez, um gemido profundo.

D'essa vez, a duvida não era mais possível. O acaso acabava de fornecer inopinadamente ao sr. Laberdagne uma prova palpavel da infidelidade da sua mulher, sob a forma

de um bilhete rapidamente escripto a lapis, e que a sua destinataria havia, com certeza, perdido... Todas as suas suspeitas anteriores transformavam-se, assim, em certeza. Mme. Laberdagne possuía um amante, e este amante assignava Tótó. Restava saber, agora, qual era o verdadeiro estado civil do sujeito.

O sr. Laberdagne deixa o seu palacete de Colombes, a cabeça pesada de cuidados. Apenas, porém, havia elle descido do trem, na «gare» de Saint-Lazare, eis que os seus olhos cahem machinalmente sobre um cartaz suggestivo, representando uma especie de «gentleman»-salteador, munido de uma lanterna furta-fogo, a qual, á guisa de reflexos, projectava estas palavras, habilmente postas em relevo: «Rapidez e discreção». Abaixo desse desenho, podia-se ler, em letras garrafaes: «VACHARD-HOULETTE», detective particular. Pesquisas em todos os generos: divorcios, constatações, etc.» E, em seguida, o endereço.

A descoberta desse cartaz foi para o sr. Laberdagne uma especie de revelação. E, sem perder um instante, mergulhou elle na abertura escura de um «metro», em direcção á casa do profissional, ao qual, meia hora depois, explicava minuciosamente o seu caso.

O detective escutou, com o recolhimento indispensavel ao assumpto, o longo requisitorio do seu novo cliente, e prometeu dar-lhe uma resposta precisa, oito dias depois.

— Muito bem! — concordou o sr. Laberdagne, despedindo-se. — Eu devo, então, me ausentar, sob pretexto de negocios, por oito dias. Mme. Laberdagne ficando só em Colombes, ser-lhe-ha facil vigia-la. Ella não desconfiará de nada. Na minha volta, eu encontrarei uma carta do senhor, dando-me conta de tudo que haja constatado. O senhor escrever-me-ha, então, essa carta para o meu escriptorio em Paris... Não é isso?

— Precisamente!

No dia seguinte, o sr. Laberdagne partia, effectivamente, para Bourdeaux, depois de haver prodigalizado á sua esposa todas as provas de afeição, para lhe não despertar a mais ligeira suspeita do seu plano.

Dez dias passaram-se. No decimo-primeiro, o sr. Laberdagne chegava a Paris, correndo ao seu escriptorio. E foi com a mão febril, nervosa, que tomou toda a volumosa correspondencia que a porteira lhe apresentava. No meio de tantas cartas sobre negocios, descobriu a que o interessava. Abriu-a, e leu:

«Meu caro senhor: — Tenho a honra de levar ao seu conhecimento que as pesquisas por mim iniciadas por sua conta apuraram inteiramente o caso. O autor do bilhete incriminado é um tal Victor Galmuche, appellidado Tótó, do qual a sua cosinheira Julia, a quem era o mesmo endereçado, é amante ha muitos mezes. Quanto a mme. Laberdagne, ella nunca teve amante. Tendo-a, porém, acompanhado varios dias, e achando-a a meu gosto; e, por outro lado, tendo tido a ventura de lhe não desagradar, (sobretudo depois que se viu informada da odiosa vigilancia de que o senhor a queria cercar) tomo a liberdade de communicar-lhe que eu e ella seguimos hoje com destino ao Mediterraneo, onde passaremos a lua-de-mel em uma localidade cujo nome peço permissão para lhe não revellar claramente.

Sempre ao seu serviço para outra vez, sou, seu, — VACHARD-HOULETTE.

RENÉ BUZELIN

SATYRIASIS, POR LÉON VALBERT

(Trad. d' «A MAÇA»)

No Commissariado de Polícia do bairro da Pequena Polónia, á tarde, presente o Commissario, empurrada pelo brigadeiro Baffre, entra uma dama de idade regularmente madura. Vem vestida de uma saia curta deixando ver os tornozellos até o meio da perna, a blusa decotada até o estômago, e duas tranças de cabelo falso, atiradas para trás.

O COMMISSARIO (despertado em plena sesta) — Hein?... hein?... Que ha de novo, Baffre?

O BRIGADEIRO — Desculpe meu commissario!... desculpe!... Mas é esta dama... esta senhora...

A DAMA — Sim, senhor commissario... Sou eu que vim me queixar... Eu fui victima de uma infamia...

O COMMISSARIO — Uma queixa... Muito bem, minha senhora... Vamos saber do que se trata... (ao brigadeiro) Baffre, retire-se...

O BRIGADEIRO — A's ordens, meu commissario! (Ao ouvido do commissario) Mas eu fico por aqui mesmo... aqui junto da porta...

O COMMISSARIO — Está bem... Saia...

A DAMA — Eu vos agradeço, sr. commissario, a sua gentileza, não querendo melindrar o meu pudor na presença de um subalterno...

O COMMISSARIO — Falle, senhora.

A DAMA — E' o seguinte, sr. commissario. Ha muito tempo eu andava amedrontada com a leitura dos jornaes, os quaes tratavam do numero sempre crescente de attentados commettidos contra pobres raparigas innocentes, nas visinhanças das fortificações. Verdadeiros satyros atiravam-se contra as desgraçadas, abusando da sua fraqueza!

O COMMISSARIO — Os jornaes exaggeram muito, madame...

A DAMA — Era isso, exactamente, que eu queria apurar, por mim mesmo. Para isso, tomei estes trajes, isto é, os que mais convinham á perpetua juventude do meu coração...

O COMMISSARIO — Hum!...

A DAMA — Ao seu dispor, sr. commissario.. Mas, como ia dizendo, vesti-me de accordo com a mocidade do meu coração, e dirigi-me para aquelle ponto da cidade, que faz parte, exactamente, da sua circumscripção.

O COMMISSARIO — Era pelo menos uma imprudencia. Essas paragens são infestadas de bandidos, de malfetores, de desordeiros...

A DAMA — Eu não tardei a me convencer disso, meu caro senhor. Apenas havia enveredado pelo caminho traçado na relva rasa que margina o fôssô da contra escarpa ultimamente soterrado, eis que percebo uns passos...

O COMMISSARIO — A senhora apressou os seus, para escapar-lhe...

A DAMA — Pelo contrario, sr. commissario. Eu diminui as passadas, para ver só quaes eram as intenções do meu perseguidor.

O COMMISSARIO — Ellas eram, com certeza, impuras e deshonestas.

A DAMA — Oh, sr. commissario! quanto!... quanto!... O miseravel me soprava na nuca as propostas mais inconvenientes. De repente...

O COMMISSARIO (interessado) — De repente...

A DAMA — De repente, elle me toma pela cintura... Eu me viro...

O COMMISSARIO (indignado) — E então o sujeito immundo, o bandido repugnante, atira-se á senhora, e pro-

ENGANADO E DESESPERADO



— Como é que tu me enganas d'essa maneira?

— Eu não conhecia outro, filho!

fana a sua honra!...

A DAMA — Profanou a minha honra!... Ah! é isso mesmo!... Sabe o senhor o que fez, quando me viu de frente, esse typo abominavel, esse bandido para o qual eu reclamo o castigo mais severo, sr. commissario?... Sabe o que elle fez?

O COMMISSARIO — Diga, minha senhora!... Diga!

A DAMA (no cumulo da indignação) — Elle... me respeitou sr. commissario!...

LÉON VALBERT

A ONÇA, DE CORNELIO PIRES

HISTORIA CAIPIRA



— Pois meus amigos: o medo faz prodígios. Por causa do medo de morrer, ahí um caigara nhanpan, qualquer, é capaz de matar a faca ou a tiro o maior valentão.

— Num tem duvida, — aprovou o Joaquim Benthinho.

Nos apuros o medroso vira valente e o sojeito nos apuro sempre acha um jeito.

Eu já vi um boi brabo incambitá de atraís de um intrevado... Quando o bicho ingarupô in riba delle, o tar pinchô as muleta e abriu o pala que-nem um veado...

— Ha desses casos.

— O mió vô iê contá.

Quano nós tava abrino ua lavora nua mataria braba, eu fi ua ceva de passarinho dótra banda de ua gróta. Tava juntano que era ua buniteza

Um dia incunvidei o compadre Norato pra i pombeá os tar. Compadre é um home turrão cumo elle só. E' que-nem pedra de fogo: vacê bôia náua, tira, inda tá moiada, vacê bate o fuzi, espirra fogo... Fomo ino pra lá. As espingarda tavum cum carguica pra passarinho e nós num levemo chumbo grosso. Vo passá a grotá, compadre me puxô pra frada da camisa e preguntô baxinho:

— Cê viu?

— Vi...

— O que?

— Treis gatinho, fióte de onça pintada, que entraro naquella tóca... Bamo simbóra...

— Simbóra, nada! Aquillo dá dinhêro, rapais! Eu pégo

os tarzinho e vô vendê na villa, pra argum cometa. intãoce pra cumpania de scavallinho que apparecê...

— Largue mão disso, compadre... Ocê inda sae-se mar in bulli c'oas criança dos otro...

— Quá o que... Espere eu...

— O'i, compadre... Eu já fui ranhado de onça nas cadêra e... negocio de onça num é cumigo! Compadre, largue mão disso!

Aquillo quano dá de fazê ua coisa num hai o que trôça...

Compadre chegô na bocca da tóca, deitô de bruço e marguiô metade do corpo no buraco, que dava justo na grossura do corpo delle.

Intrô... intrô... e ficô só co trezero pra fóra...

Forceja daqui forceja dalli, num sei se elle se in-

rosco nargua raiz de pau... Quano elle quiz vastá... quem disse!

Quanto mais elle pererecava, mais terra cahia lá de dentro, sapremano o corpo delle na tóca!

Compadre garrô fungá feio... e eu uvi a fala delle que vinha de looonge:

— Me acúúda compá... Eu sa-fóóóco...

Eu, resabiado que tava da onça mãe, garrei nas perna delle e aluitei um poder de tempo, de chascão in chascão.

Quá... tava difice! Fi os impussive pra rancá elle da tóca...

— Ta ahí o que ocê quiria! Morrê intalado na tóca de onça... Um cidadão cum óito famia!...

Quano eu se desanimei de ua veis e vi que num tinha remêde, cheguei meá bocca pertico do buraco e gritei:

— Ha'me... Compadre... Vacê descurpe... Tá chegano a hora da onça vim dá de mamã pras criança... e negocio de onça num é cumigo... descurpe compadre... Eu tenhoseis famia pra tratá i visti...

Só uvi no fundo da tóca um gemido feio.

Peguei na taquary, ponhei no ombro e sahi.

Andei uas déis braça e parei um eito de tempo maginano:

Digo: largá meu compadre intalado in tóca de onça... Cruis-canhotá! Bernuncio! Intê é pecado!

— Mas onde é que está a historia do medo? in-ferrompi, impaciente, depois de tanto esperar.

— E' agora: — Maginei, maginei, e me veio no sintido ua lembrança de premera...

Larguei a espingarda no chão, e quano o compadre pensô que eu já tava longe, fui devagazinho... devagazinho... sem fazê buia, fui chegano... chegano... aperparei as unhas e... sortei um bérro fóra de perposito, meio miado: 'nhááán!...' unhei cum tuda a força no trazero delle...

O'i, cidadão! O compadre deu um arranco pra traís! Deu um prisco desta artura! Avuô da tóca e saiu desinbestado pro mato o drenlo, campeano a casa... Nem me viu gargaiano prua banda!

— O medo deu-lhe o jeito para escapulir, hein!

— Isso! — o escurecê fui in casa delle, pra minti que na hora da intaleção eu tinha ido in casa buscá inxadão...

Achei elle tudo esfolado, bufano de réiva...

— Isso não se fais!... Ocê é um porquera, compadre! Me largá eu na tóca da onça... Tô lacranado de unha de onça e das pintada...

E o Joaquim Benthinho, malicioso, piscou:

— Fazia méis que eu num cortava as unha...

CORNELIO PIRES





— O Sr. gosta de nocturnos?

— Tenho viajado no de São Paulo, madame!

O HUMORISMO NO ESTADOS (PARÁ)

O PAE DO FILHO,

Velha tragédia em um «mau» acto

POR

JOSE' VICENTE

O Modesto, um empregado
De certa repartição,
Ha um anno que é casado
E tem um filho — o Janjão.

A mulher — dona Thereza,
E' franzina e delicada,
Nobre typo de belleza,
Divino corpo de fada.

Sendo o Modesto bilontra,
Nos bailes não perde vasa:
Quando na rua se encontrã,
Tão cedo não volta á casa:

Passa as noites na folia,
Em meio á rapaziada.
Começa a «farra» de dia
E acaba de madrugada.

Sua esposa, indifferente,
Jamais por isso o crimina.
Mostra-se sempre contente,
Não fala, não se amofina.

Mas é que a vida, ella entende,
Foi feita só para o goso.
E, ingrata, então se «defende»
Enganando o proprio esposo.

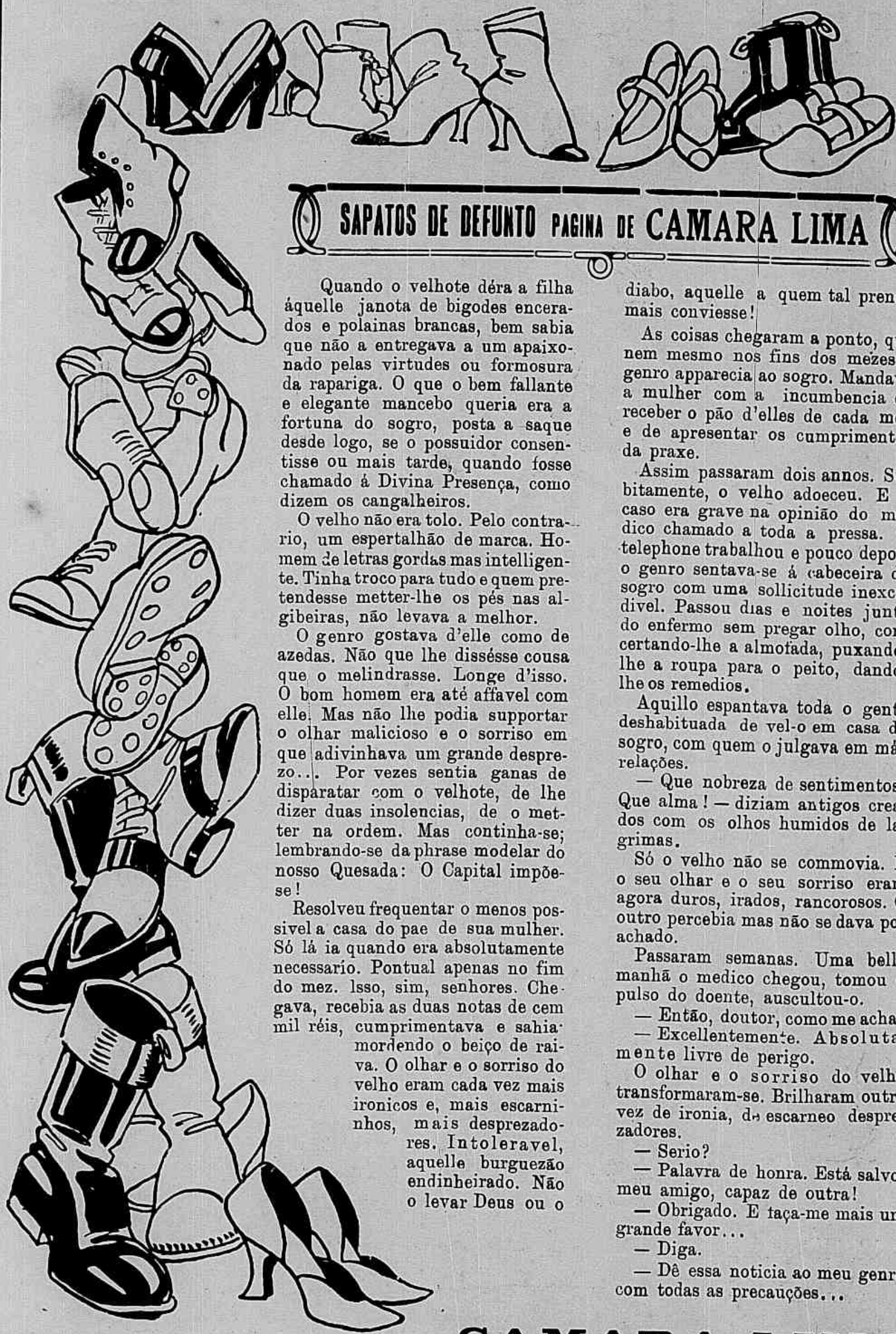
Soube o Modesto, outro dia,
Cheio de raiva e despeito,
Que a mulherzinha o trahia,
Mettendo em casa um sujeito.

Armou-se, então de um panhal,
Reso'vido num instante
A pegar o seu rival
Com a companheira em flagrante.

Até que um dia agarrou,
De surpresa, o tal amante.
Ligeiro o punhal puxou
Para matar o tratante.

Mas a Thereza, accorrendo,
Os olhos baços, sem brilho,
Gritou-lhe, quasi morrendo:
— Não mata o pae do teu filho!

JOSÉ VICENTE



SAPATOS DE DEFUNTO PAGINA DE CAMARA LIMA

Quando o velhote dera a filha áquelle janota de bigodes encerrados e polainas brancas, bem sabia que não a entregava a um apaixonado pelas virtudes ou formosura da rapariga. O que o bem fallante e elegante mancebo queria era a fortuna do sogro, posta a saque desde logo, se o possuidor consentisse ou mais tarde, quando fosse chamado á Divina Presença, como dizem os cangalheiros.

O velho não era tolo. Pelo contrario, um espertalhão de marca. Homem de letras gordas mas intelligente. Tinha troco para tudo e quem pretendesse metter-lhe os pés nas algibeiras, não levava a melhor.

O genro gostava d'elle como de azedas. Não que lhe dissésse cousa que o melindrasse. Longe d'isso. O bom homem era até affavel com elle. Mas não lhe podia supportar o olhar malicioso e o sorriso em que adivinhava um grande desprezo... Por vezes sentia ganas de disparatar com o velhote, de lhe dizer duas insolencias, de o metter na ordem. Mas continha-se; lembrando-se da phrase modelar do nosso Quesada: O Capital impõe-se!

Resolveu frequentar o menos possível a casa do pae de sua mulher. Só lá ia quando era absolutamente necessario. Pontual apenas no fim do mez. Isso, sim, senhores. Chegava, recebia as duas notas de cem mil réis, cumprimentava e sahia mordendo o beijo de raiva. O olhar e o sorriso do velho eram cada vez mais ironicos e, mais escarninhos, mais desprezadores. Intoleravel, aquelle burguezão endinheirado. Não o levar Deus ou o

diabo, aquelle a quem tal prenda mais conviesse!

As coisas chegaram a ponto, que nem mesmo nos fins dos mezes o genro apparecia ao sogro. Mandava a mulher com a incumbencia de receber o pão d'elles de cada mez e de apresentar os cumprimentos da praxe.

Assim passaram dois annos. Subitamente, o velho adoeceu. E o caso era grave na opinião do medico chamado a toda a pressa. O telephone trabalhou e pouco depois o genro sentava-se á cabeceira do sogro com uma sollicitude inexcusavel. Passou dias e noites junto do enfermo sem pregar olho, concertando-lhe a almofada, puxando-lhe a roupa para o peito, dando-lhe os remedios.

Aquillo espantava toda a gente deshabituada de vel-o em casa do sogro, com quem o julgava em más relações.

— Que nobreza de sentimentos! Que alma! — diziam antigos creados com os olhos humidos de lagrimas.

Só o velho não se commovia. E o seu olhar e o seu sorriso eram agora duros, irados, rancorosos. O outro percebia mas não se dava por achado.

Passaram semanas. Uma bella manhã o medico chegou, tomou o pulso do doente, auscultou-o.

— Então, doutor, como me acha?

— Excellentemente. Absolutamente livre de perigo.

O olhar e o sorriso do velho transformaram-se. Brilharam outra vez de ironia, de escarneo desprezadores.

— Serio?

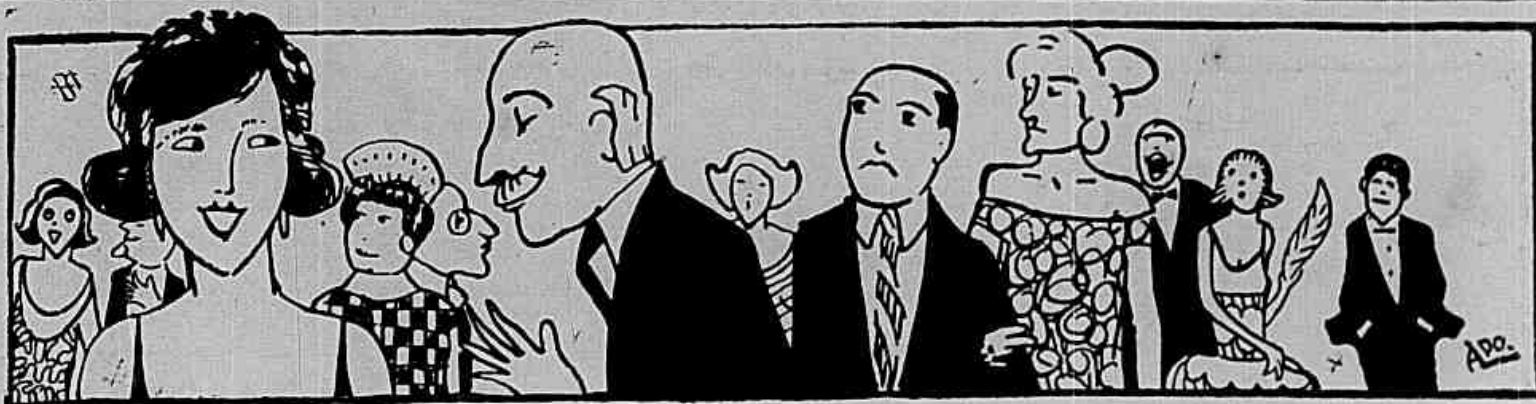
— Palavra de honra. Está salvo, meu amigo, capaz de outra!

— Obrigado. E faça-me mais um grande favor...

— Diga.

— Dê essa noticia ao meu genro com todas as precauções...

CAMARA LIMA



PERSPICACIA, CONTO DE CALDEIRA RATTO

Na sua famosa carta a El-Rei D. Manoel, o Venturoso, conta Pero Vaz Caminha o prodígio de intelligenc'a realizado pelos portuguezes das náos de Cabral, para se fazerem entender pelos indígenas de Porto Seguro. Gestos com as mãos, com os dedos, com o rosto; gatinhonhas, piruetas, macaquices, — a tudo recorreram os bravos navegadores lusitanos para serem comprehendidos pelos estupidísimos bugres da Bahia. E o certo é que elles conseguiram communicar-se perfeitamente, trocando, não só idéas por idéas, como missangas por côcos e pedaços de vidro por pelles de tamanduá.

Esse instincto de comprehensão dos portuguezes, não era, entretanto, privilegio dos antigos. Em uma das suas epístolas modelares, conta Fradique Mendes, com o estylo de Eça de Queiroz, que a sua tia, senhora de largos dinheiros e estreita instrucção, percorria a Europa inteira sem conhecer outra lingua que não a sua, da qual, aliás, raramente se utilizava. Ao chegar em um hotel de Paris, de Berlim, de Roma ou de Londres, tocava, a honrada matrona, a campainha, chamando o criado. Este acudia, e ella, pedindo a sua attenção para o que ia fazer, começava a cacarejar pelo meio do compartimento, terminando por acocorar-se, de subíço, no soalho, tufando as saias. O criado já sabia que ella queria ovos quentes, e ia buscá-los, num instante, á cosinha.

O Sr. Joaquim Pereira, primeiro caixeiro da mercearia «Ambos os Mundos», é, pelo instincto, pela perspicacia, pela agudeza da comprehensão, legitimo descendente da tia do Fradique e dos heroicos marujos da «Flôr de la mar». O episodio occorrido no estabelecimento em que funciona, quasi como proprietario, tem uma importancia verdadeiramente documental.

Sexta-feira ultima, antes do almoço, D. Mirandolina Fonseca fez á criada, uma allemã de nome

Guilhermina, alguma recommendações sobre os pratos do dia, e sahio, com o marido, a receber uns parentes que chegavam do Paraná. Sahidos os patrões, estava a Guilhermina curvada sobre a pia da cosinha, cortando carne, lavando peixes, picando verduras, quando verificou a insufficiencia de um dos numeros do cardapio, e a necessidade de augmental-o, para evitar uma vergonha do patrão e, como consequencia, uma reprehensão da senhora. Habil e expedita, enxugou as mãos no avental, tirou a touca, trancou o portão, e correu, agil, á mercearia «Ambos os Mundos», que ficava no canto, dirigindo-se ao Sr. Pereira, que se precipitou, presto, para attendê-la.

— Guero dois guillos de beixe, — pediu Guilhermina indreitando a lingua do melhor modo.

— De peixe? Mas, de que peixe? Salmão? — indagou o caixeiro, solícito.

— Non.

— Bagre?

— Non.

— Sardinha?

— Dambén non.

— Que peixe é, então? Assim, não posso saber! — confessou o caixeiro.

A situação da Guilhermina era delicadissima. Ella não sabia o nome do peixe com que estivera lidando, e que deixára na cosinha, nem havia ninguem, alli, que lh'o explicasse. De repente, porém, tomou uma resolução: correu á casa, chegou até o portão, pensou, deu meia volta, e tornou á mercearia, onde chamou o Sr. Pereira.

— O beixe é este! — explicou, chegando-lhe o dedo ao nariz.

O caixeiro fechou os olhos, aspirou, e sorriu, deliciado,

— Ahn!...

E embrulhou dois kilos de bacalhau.



♦ ♦ ♦ CALDEIRA RATTO ♦ ♦ ♦



PEDIDO DE CASAMENTO



— E com que conta o senhor para se casar?
 — Com sua filha.
 — Não é isso. Pergunto: com que vae sustentá-la?
 — Com comida.

— Perdão. Desejo saber de que maneira o senhor
 vae constituir família?
 — Ah! Isso agora é entre mim e sua filha.

O CIGARRO POR JOÃO FORTUNATO

Após o jantar, na casa do commendador Almeida Palhares, era frequente aquella ordem do velho commerciante:

— Dórinha, vá buscar um cigarro.

A menina levantava-se da mesa, atravessava duas ou tres salas, chegava ao gabinete do pae, e trazia de lá o cigarro pedido.

O commendador não era, entretanto, grande amigo do fumo. Acima deste, e, mesmo, do vinho ou do «poker», adorava elle as aneddotas picantes, as historietas apimentadas e encantadoras que lhe eram contadas, á mesa, pelos amigos que convidava para jantar, aos quaes transmittia, por sua vez, aquellas que outros lhe haviam narrado na vespera.

Viuvo ha quinze annos, o velho Bibiano possuia, como unica lembrança da sua vida de casado, aquella creaturinha fragil, doce, tenra, de tez de jasmim, olhos de céu e cabellos de ouro, da qual fizera todo o encanto da sua velhice de capitalista. Tendo chegado ao mundo no momento, exactamente, em que a

mãe sahia delle, Dórinha crescera como uma planita de estufa, sempre retrahida, fimida, delicada. E era para que os seus ouvidos de anjo não fossem melindrados pelas histórias duvidosas que gostava de contar ou de ouvir, que o commendador afastava, sempre, da mesa, tomando por pretexto o cigarro.

Naquelle noite, succedera o que sempre acontecia em laes emergencias.

— Dórinha, vae buscar um cigarro! — pediu o velho, passando a mão pela barba farta, quasi toda branca.

Com os seus modos pausados e tristes, a menina ergueu-se e foi até o gabinete. Ahi chegando estacou, de repente: no canapé em silencio, manus-ando um livro, estava o seu primo Daniel, hospede recente da familia, o qual vendo-a parada á porta, se poz, risonho, a examinal-a.

— Nunca me viu? — exclamou a menina, estranhando, lisongeada, aquelle delicioso desafio.

— Tão bonita não... — respondeu, galanteador, o rapaz.

Dórinha entrou no gabinete e poz-se a remexer, de vagar, na caixa dos cigarros, procurando o melhor. De lado, a pequena distancia, Daniel examinava-lhe o perfil gracioso, o nariz pequeno e fino, a bocca de labios aboçados em cravo, a curva harmoniosa do côlo, a cintura flexivel, torneada, para um abraço romantico. Encantado com o exame pousou o livro no canapé, levantou-se e, sem dizer palavra, encaminhou-se para a prima.

Vinte minutos depois, Dórinha, sahia do gabinete paterno, endireitando o cabello. E no outro dia, ao jantar, mal havia o criado servido o café, estava já, ella, nervosa, inquieta, afflicta, a remexer-se na sua cadeira.

— Que é, filhinha? Que é que tens? — indagou o velho, notando aquella agitação.

— Nada, papae! — respondeu a moça, baixando os olhos.

E vermelha, tremula, doida para retirar-se da mesa:

— Papae não quer o cigarro?

JOÃO FORTUNATO



MAGNETISMO, POR BATU-ALLAH



A sessão de hypnotismo offerta pelo Dr. Augusto Gonzaga a uma fina assembléa de estudiosos, havia tido, naquella noite, uma concorrencia incommum. Medicos, engenheiros, bachareis, homens de letras e varias senhoras, enchiam as duzentas cadeiras da Sociedade Esoterica Prof. Mozart, quando o jovem medico alagoano appareceu no pequeno tablado lateral, vestindo a sua impecavel casaca de merinó preto, debruada com o melhor cadarço de defunto existente nas alfai-

olhando-o, antes, como a coisa mais natural deste mundo. Irritado com aquella impassibilidade, interpellei-o, batendo-lhe com o cotovello:

— O senhor não gostou da experiencia?

O velhinho encarou-me, alvejando-me com os seus olhinhos meudados, e luzentes, como duas balas de revolver.

— Gostei, sim senhor, — confessou, com o seu sorriso inalteravel. — Mas eu tenho visto melhor: muito melhor!

— Melhor? — duvidei, voltando-me para elle.

— Sim, senhor. Aqui mesmo no Rio, • senhor: vê isso muito no meio da rua. As mulheres, principalmente, possuem muito essa força hypnotica.

Voltei-me ainda mais para o idiota, e elle explicou-me, documentando o caso:

— Olhe; ainda agora mesmo, eu vi uma prova dessas, no ponto dos bondes, perto da Galeria Cruzeiro. Estavam de pé, aguardando o transporte, quatro rapazes e um velho. Perto, uma senhora, que me pareceu estrangeira, bonitinha, pintadinha, esperava, tambem, o momento de se ir embora. Chegou o bonde. A mulher entrou, e, do banco, poz-se a olhar, firme, como quem está hypnotizando, os quatro rapazes e o velho. E foi num instante: elles pularam, todos, para o bonde, e lá se foram com ella!

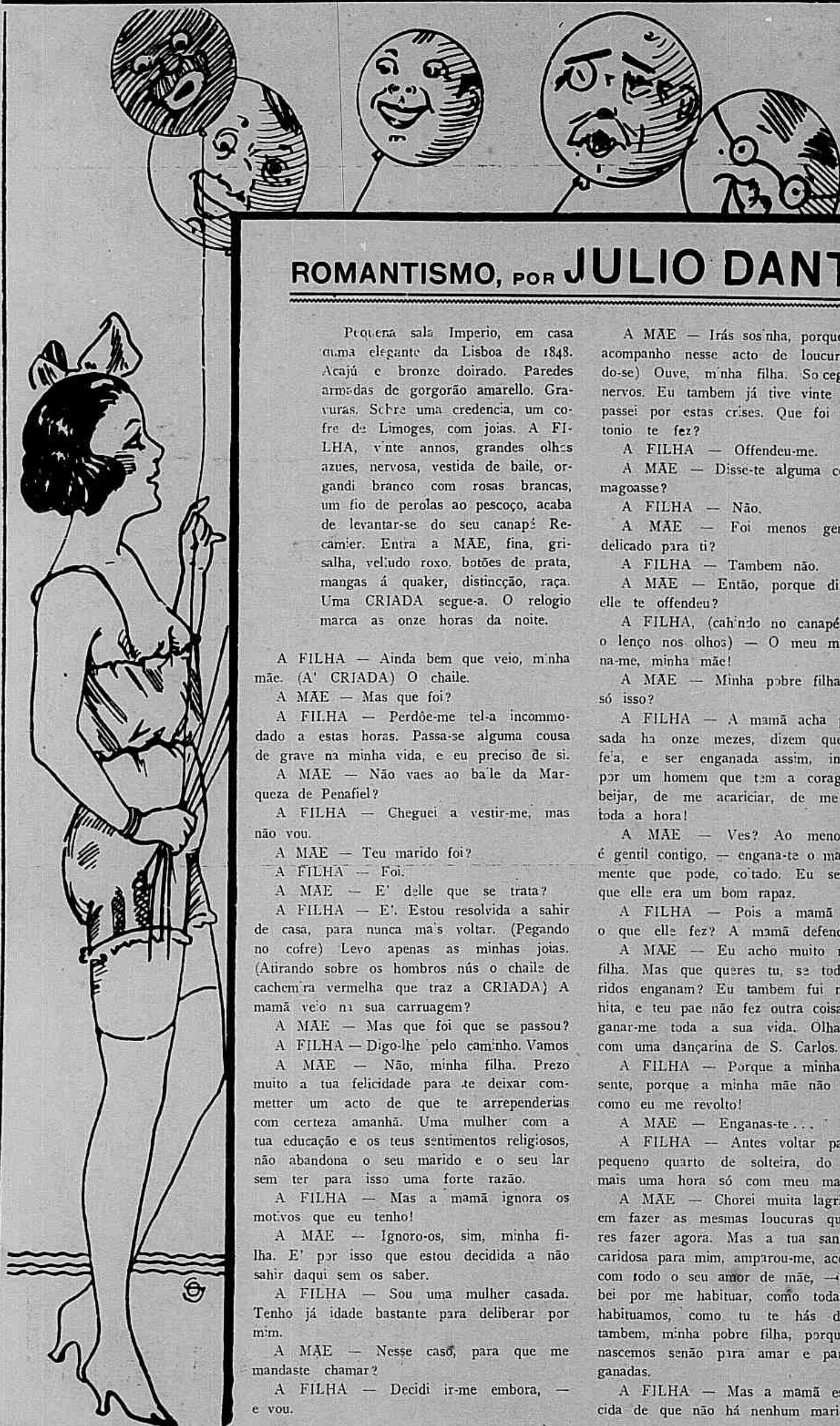
E rindo com os olhos, com a bocca, com a testa, com as rugas da face, enfim, todo elle num sorriso de ironia:

— Eu mesmo, sem ter sido olhado, quasi vou!
E virou-se para o tablado, piscando.



BATU-ALLAH





ROMANTISMO, POR JULIO DANTAS

Pequena sala Imperio, em casa duma elegante da Lisboa de 1848. Acajú e bronze doirado. Paredes armadas de gorgorão amarello. Gravuras. Sobre uma credencia, um cofre de Limoges, com joias. A FILHA, vinte annos, grandes olhos azues, nervosa, vestida de baile, organdi branco com rosas brancas, um fio de perolas ao pescoço, acaba de levantar-se do seu canapé Recliner. Entra a MAE, fina, grisalha, veludo roxo, botões de prata, mangas á quaker, distincção, raça. Uma CRIADA segue-a. O relógio marca as onze horas da noite.

A FILHA — Ainda bem que veio, minha mãe. (A' CRIADA) O chaile.

A MAE — Mas que foi?

A FILHA — Perdôe-me tel-a incommodado a estas horas. Passa-se alguma coisa de grave na minha vida, e eu preciso de si.

A MAE — Não vaes ao baile da Marquiza de Penafiel?

A FILHA — Cheguei a vestir-me, mas não vou.

A MAE — Teu marido foi?

A FILHA — Foi.

A MAE — E' delle que se trata?

A FILHA — E'. Estou resolvida a sahir de casa, para nunca mais voltar. (Pegando no cofre) Levo apenas as minhas joias. (Atrando sobre os hombros nús o chaile de cachemra vermelha que traz a CRIADA) A mamã veio na sua carruagem?

A MAE — Mas que foi que se passou?

A FILHA — Digo-lhe pelo caminho. Vamos.

A MAE — Não, minha filha. Prezo muito a tua felicidade para te deixar commetter um acto de que te arrependerias com certeza amanhã. Uma mulher com a tua educação e os teus sentimentos religiosos, não abandona o seu marido e o seu lar sem ter para isso uma forte razão.

A FILHA — Mas a mamã ignora os motivos que eu tenho!

A MAE — Ignoro-os, sim, minha filha. E' por isso que estou decidida a não sahir daqui sem os saber.

A FILHA — Sou uma mulher casada. Tenho já idade bastante para deliberar por mim.

A MAE — Nesse caso, para que me mandaste chamar?

A FILHA — Decidi ir-me embora, — e vou.

A MAE — Irás sos'nha, porque eu não te acompanho nesse acto de loucura. (Sentando-se) Ouve, minha filha. So cega es teus nervos. Eu tambem já tive vinte annos e já passei por estas crises. Que foi que o Antonio te fez?

A FILHA — Offendeu-me.

A MAE — Disse-te alguma coisa que te magoasse?

A FILHA — Não.

A MAE — Foi menos gentil, menos delicado para ti?

A FILHA — Tambem não.

A MAE — Então, porque dizes tu que elle te offendeu?

A FILHA, (ca'hndo no canapé, suffocada, o lenço nos olhos) — O meu marido engan-me, minha mãe!

A MAE — Minha pobre filha! Pois era só isso?

A FILHA — A mamã acha pouco? Casada ha onze mezes, dizem que não sou fe'a, e ser enganada assim, indignamente, por um homem que tem a coragem de me beijar, de me acariciar, de me mentir a toda a hora!

A MAE — Ves? Ao menos, beija-te, é gentil contigo, — engana-te o mais delicadamente que pode, coitado. Eu sempre disse que elle era um bom rapaz.

A FILHA — Pois a mamã acha bem o que elle fez? A mamã defende-o?

A MAE — Eu acho muito mal, minha filha. Mas que queres tu, se todos os maridos enganam? Eu tambem fui nova e bonita, e teu pae não fez outra coisa senão enganar-me toda a sua vida. Olha, agora é com uma dançarina de S. Carlos.

A FILHA — Porque a minha mãe consente, porque a minha mãe não se revolta, como eu me revolto!

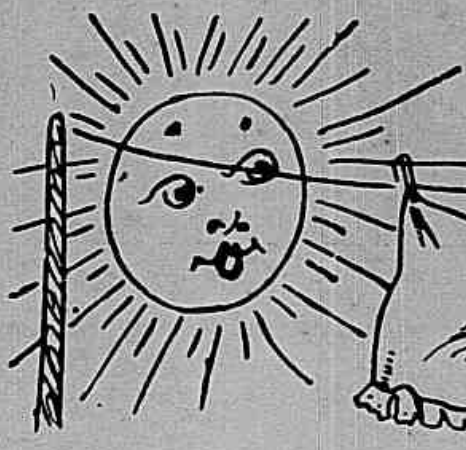
A MAE — Enganas-te...

A FILHA — Antes voltar para o meu pequeno quarto de solteira, do que viver mais uma hora só com meu marido!

A MAE — Chorei muita lagrima, pensei em fazer as mesmas loucuras que tu queres fazer agora. Mas a tua santa avó foi caridosa para mim, amparou-me, aconselhou-me com todo o seu amor de mãe, — e eu acabei por me habituar, como todas nós nos habituamos, como tu te hás de habituar tambem, minha pobre filha, porque nós não nascemos senão para amar e para ser enganadas.

A FILHA — Mas a mamã está convencida de que não há nenhum marido fiel?

ROMANTISMO, POR JULIO DANTAS (Continuação)



A MAE — Estou convencida de que há esposas fieis. Mais nada.

A FILHA — Então o meu marido há de enganar-me sempre?

A MAE — Há de divertir-se, como todos. Mas as aventuras passam e nós ficamos. E' essa a nossa grande força, minha filha. Nenhum dos seus desvarios tem consequências, porque não interessam o coração. São faltas veniaes, são fraquezas de homem, peccados mais da sensibilidade do que do sentimento, que desaparecem como a espuma numa taça de «Champagne»: Que havemos nós de fazer? Fechar os olhos, ser generosas, sorrir, — e perdoar. Pois tu não achas que eu tenho razão, minha filha?

A FILHA — Estou prompta a perdoar a todos os maridos infieis, — menos ao meu.

A MAE — Mas, afinal, que motivos tens tu para affirmar que elle te engana? Tu suspheendeste-o com alguem?

A FILHA — Não.

A MAE — Encontraste alguma carta?

A FILHA — Tambem não.

A MAE — Disseram-te alguma coisa d'elle? As nossas melhores amigas são sempre interessadas em indispor-nos com os nossos maridos...

A FILHA — Ninguém me disse nada.

A MAE — Então, com franqueza, não comprehendo.

A FILHA — Tenho suspeitas.

A MAE — Isso não basta. Mas de quem?

A FILHA — De toda a gente. Elle ri-se para todas as mulheres, fala com todas as mulheres, todas as mulheres andam atraz d'elle. E' um escândalo. E' o ridiculo sobre mim. E eu não suporto esta situação. Sou muito nova e muito orgulhosa para me prestar a ser ridicula!

A MAE — Isso prova apenas que elle é um bonito rapaz...

A FILHA — Mas é meu.

A MAE — Os defeitos que as mulheres reprehendem nos homens, são exactamente aquelles de que ellas gostam mais. Não me recordo quem disse isto.

A FILHA — A mamã não viu hontem, no Passeio Publico, a côrte que lhe fazia aquella rapariga vestida de moiré Ninon?

A MAE — Eu nunca reparo para essas coisas, minha filha.

A FILHA — A mamã bem viu. Aquella que parecia ingleza, com uma cruz de Malta de diamantes ao pescoço. Sabe quem era? Era a Chica Penalva, com quem elle esteve

para casar. Já a minha mãe vê que eu tenho razão.

A MAE — Mas que te importa, se elle não casou com ella, casou contigo?

A FILHA — Foi pena que não tivesse casado com ella, que era para eu o namorar agora á minha vontade.

A MAE — E's uma criança, minha filha! Foi então por isso que tu te zangaste com o Antonio?

A FILHA — Zanguei-me porque elle foi ao baile da Marquiza de Penafiel.

A MAE — E porque não foste tu tambem?

A FILHA — Quando estava a pôr as minhas perolas ao espelho, elle disse-me que me aviasse, porque a Chica Penalva ia cantar a «Gazza Ladra», e elle queria ouvi-la. Fiz-lhe uma scena horrorosa, minha mãe. Chorei, arrepelei-me, quebrei uma jarra de flores, declarei-lhe que não sahia de casa, que não ia a baile nenhum, que não ia a parte nenhuma. Elle não se importou, calçou as luvas, riu-se, teve o descaramento de me dar um beijo, pôz o chapéu na cabeça, e foi ao baile sem mim. Já a mamã vê que é irremediavel. Está tudo acabado entre nós.

A MAE, (sorrindo, dissimuladamente) — Com certeza.

A FILHA — Não posso ficar nem mais uma hora ao pé dum marido que me engana.

A MAE — Sem duvida.

A FILHA — Só me resta o meu pequeno leito de solteira, em casa de meus paes.

A MAE — Tambem me parece.

A FILHA — Recolho-me, talvez, a um convento...

A MAE — E' a minha opinião.

A FILHA, (soluçando, o lenço nos olhos) — Como eu sou desgraçada!

Abre-se, de manso, a porta da sala. ANTONIO apparece, vestido de baile, casaca de abelha, verde-bronze, gravata á Malbran, collete de papo, bordado a ouro, um Murillo d.baixo do braço; troca um olhar de intelligencia com a MAE; vem, pé-ante-pé, por detraz da mulher que o não pressente, e, num movimento subito, beija-lhe os hombros nús.

A FILHA, (lançando os braços amorosos ao pescoço do marido) — Porque tardaste tanto, meu amor?

A MAE — Meus filhos, boa noite!



A Capital



tem o dom da providencia: Assim que se approxima a estação calmosa, prepara um enorme «stock» de artigos de verão, principalmente ternos de Palm-Beach e de linho, camisas de seda, zephir e tricoline dos mais lindos padrões, capas e fatos para banho — todo o necessario, enfim, para quem pretenda reduzir os efeitos do calôr.

As 35 vitrines das suas duas casas da Avenida são uma exposição permanente e completa do que ha de mais gôsto no genero.

O HUMORISMO NOS ESTADOS
MINAS

O PALETO' POR BELMIRO BRAGA

Se de tudo, da infancia, eu me esquecci,
se, por exemplo, não me lembro mais
da primeira camisa que vesti
de meio ralo metro de morim,
da memoria fiel tu não me saes,
ó meu primeiro paletó de brim!

Eras filho de um outro paletó
famoso pela sua vetustez,
que o meu querido Pae aproveitou,
tambem por sua vez,
dos kilometros de antigo guardopó
de meu presado avô,
que falleceu alguns annos depois
de nossa guerra de 42.

Talhou-te o alfaiate Zé Chispim
que, ao te dar forma, caprichosa, quiz
mostrar de seu engenho a perfeição:
— Quanto tempo gastou e quanto giz!
(O giz do Zé Chispim era carvão)
Lembravas, mal dobrado, um barracão
e, quando desdobrado, o mar sem fim...

Tinhas bolso por dentro, mas seu fundo
jamais a minha mão pousou tocar:
— Era um abysmo em que cabia o mundo:
— Todo o Céu, toda a Terra e todo o Mar...

No bolsinho de fóra para o lenço,
como nas modas de Paris se vê,
eu podia guardar — ó bolso immenso!
uns quatro metros de morim BB.

Se, acaso, pedia um companheiro
alguma cousa que em teu bolso estava,
era preciso eu me sentar primeiro,
pois, de pé, minha mão lá não chegava...

Vesti-te num domingo... O' Deus do céu!
Se o Chispim me fazia rapapés,
a meninada prorompia em vaia:
— Olha a golla cobrindo-te o chapéo!
— Olha essas abas te beijando os pés!
— Suspende o jaquetão! — Enrola a saia!

E a tristeza de ver aquellas caras
mofadoras, sorrindo para mim,
por tua causa, paletó de brim,
no triste coração jamais estanco...
Paletó? Não! — Camisa de onze varas!
Paletó? — Calças pardas de brim branco!

Eras de linho, mas de um linho puro,
desse que á venda não se encontra mais.
De vovô, de papae, de mim, seguro
asylo foste contra os vendavaes.
Fizeste cincoenta annos sem um furo
e, sem um furo, ao centenario vaes...

Sim! porque, Paletó, se o tempo rude
em longos annos nunca te rasgou;
se, incolume, venceste a juventude
— a minha, a de papae e a de vovô,

tu vives com certeza, e os teus pedaços,
falando, só por só,
ou, quem sabe? falando dois a dois,
recordem, a voar pelos espaços,
os tempos em que foram guardapó,
antes da guerra de 42...

BELMIRO BRAGA



Bolando as trocas

O conhecido e querido «sportman», que também é dentista, possui como ajudante no seu escriptorio um rapazola que maneja, ao mesmo tempo, a lyra e o boticão. Entre uma cliente bonita no consultorio, e eis o ajudante, já, molhando o lapis no beijo, e improvisando em qualquer pedaço de papel, uns versos apaixonados.

Ha dias, o «sportman» chamou o rapazola, e, entregando-lhe um envelope, ordenou-lhe:

— Vá á casa do doutor fulano, e entregue isto á senhora d'elle; traga a resposta.

E adeantou:

— E' a conta, que ella pediu...

Horas depois, entra no consultorio um cavalheiro, nervoso, agitado, querendo falar em particular com o dentista.

— Doutor, — foi explicando o recém-chegado, — que quer dizer isto, que o senhor mandou á minha senhora?

Apresentou-lhe uma folha de papel, e o dono da casa leu:

«Por que não vieste hontem
«Como era meu desejo?
«Fico mais morto do que vivo
«No dia em que não te vejo!...»



O ajudante poeta havia deixado na casa do doutor, em nome do patrão, o envelope com os versos destinados á propria namorada, e levado para a namorada, com certeza, a conta do dentista, destinada á senhora do doutor!...

A mãe «mordedora»

E' um marido adeantado, aquelle. Para não brigar, supporta tudo de bom animo, aventurando apenas, aqui e alli, uma pilheria.

Ultimamente, madame, que é uma ventoinha, deu para passar todas as semanas duas tardes com a mãe. Uma destas noites, voltava de lá, quando o marido lhe observou:

— Fulaninha, tu sabes de uma cousa?
A tua mãe está se tornando impiedosa contigo.

— ?...

— Todas as vezes que tu voltas de lá, trazes sempre uma dentada em cima do cõllo!...

Informações

A linda creaturinha, que vive com a mãe e uma irmã, e cujo luxo é um misterio, foi procurar o joven capitalista e proprietario no seu escriptorio da Avenida. Queria alugar uma casa, mas queria falar com elle. Attendida, indagou:

— Doutor, o senhor não sabe onde eu encontro uma casa para alugar?

— Aqui em cima, o andar superior está para alugar, minha senhora. E' um conto de reis, por mez.

O d'abinho sorriu:

— Agora, outra informação, doutor.

— ?...

— O senhor não sabe onde eu posso encontrar o conto de réis?

Amores que sobem e descem...

Aquelle rico proprietario do sul, que de vez em quando escapóte para o Rio ou para a Europa, viu aquella divorciadinha na rua, e não andou com cereimonias: sahiu-lhe no encalço. Ella tomou um automovel, elle tomou outro. Ella saltou, elle também. No Hotel onde se acha hospedada, a dama tomou o elevador, e elle com ella.

— Ultimo andar! — ordenou elle ao menino, passando-lhe uma cedula de vinte, secretamente. E em cima:

— Para o primeiro andar!

E assim passou uma hora, quasi, subindo e descendo, calado quando havia outros passageiros, conversando, quando estavam só os dois, e o menino.

A certa altura, o garoto, encantado com os vinte mil réis, propoz:

— Seu doutor quer que eu escangalhe o elevador no meio do caminho, p'ra ficar parado?

Os dois protestaram. Para que, se não havia, sequer, um divan?

Caro e duravel

O conhecido homem de letras e alto funcionario não vae muito bem com a sua exma. sogra, a quem, quando noivo, fez umas referencias desagradaveis, que lhe iam compromettendo o casamento. Há dias, um amigo, que não conhecia a velha, e que a conhecera na vespera, deu-lhe parabens:

E' verdade, já conheço a tua sogra. Está ainda bem forte... Embora te custe caro tem uma compensação.

E impiedoso:

— Vae te durar muito tempo!...



OLHO DE VIDRO



AS ALEGRIAS DO LAR... POR EUCLIDES DE ANDRADE

Uma scena da vida real:

— Casusinha, você me leva hoje ao cinema, leva?

— Ao cinema?! Deus me livre!... Tu, bem sabes, meu amor, que eu tenho horror ás fitas e só vou ao cinematographo para dormir.

— Ora... e logo hoje que vão exhibir no Pathé uma fita da «Fox»!... D. Collaquinha do dr. Souza foi vel-a hontem no Royal e voltou encantada com a June Caprice.

— Quem é essa tal June?

— Oh! meu Deus do Céu! que homem que você é, Casusinha. Pois, você não conhece a June Caprice?

— Não tenho essa honra. E' alguma dama da alta Sociedade?

— Ih... que fiasco! Você não diga isso em parte alguma que me envergonha. Não conhece a June?! Parece incrível!...

— Pois é verdade — não a conheço e não é para admirar porque tu também não conheces a Joanna D'Arc?!

— Eu não conheço a Joanna D'Arc?! Ora, que tolice, Casusinha, que tolice. Pois se ainda outro dia eu a vi no Cinema Brasil!...

Que me dizes, mulher?! Tu viste a Joanna D'Arc no cinema?! Será possível que a donzella de Orleans resuscitasse e também seja fiteira?! Que horror!

— Morreu a Joanna D'Arc?!

— Desconfio que sim. Pelo menos é o que dizem as chronicas de antanho.

— Coitada da Joanna D'Arc! Deus lhe falle na alma... Escute uma cousa: Esse tal antanho era marido da Joanna D'Arc, não era?

— Oh! mulher, pelo amor de Deus, cala a bocca. Não digas isso em publico, que vaes presa...

— Não sei porque...

— Não sabes porque?! Homessa! Pois tu ignoras que a Joanna D'Arc foi uma heroína franceza, que bateu os inglezes e foi depois por elles queimada viva?

— Ué, gentes! Eu pensava que a Joanna D'Arc era uma actriz que trabalha nas fitas da Fox... Mas, olhe aqui, Casusinha... você me leva hoje ao cinema, leva?

— Irra! Que massadora que tu és, Marietta!... Os tempos não estão para esses desperdícios de dinheiro. Este mez, nem sei como fazer para pagar as nossas contas.

— Nossas, não senhor. Suas contas...

— Perdão. Nossas, porque foram feitas por ti e eu é que as tenho de pagar. Já vêes que são nossas...

— Eu não quero saber de contas! Graças a Deus, quando me casei com você não vim com uma das mãos atrás e a outra adiante... Trouxe o meu dote... Se você já o gastou, a culpa não é minha.

— Enorme dote!... Uma casa a cahir de velha e carregada de impostos em atrazo, no bairro do Guapira...





AS ALEGRIAS DO LAR por EUCLIDES DE ANDRADE

— Você não «deboche» o meu dote, Casusa, se não eu conto a Papael...

— Oh! filhinha, então porque me provocas?

— Sabe que mais? Eu não quero saber de nada. Quero ir ao cinema.

— Mas, meu amor...

— Qual amor nem meio amor!... Quero ir ao cinema, quero, quero e quero, já disse!...

— Mas, filhinha, vem cá, não é preciso chorar. Domingo iremos a todos os cinemas de S. Paulo...

— Eu quero ir hoje, já disse! E você não se ria, Casusinha, você não me debique... Olhe que eu faço uma asneira... Depois não se queixe...

— Já vens tu com as costumeiras ameaças. Marietta. Já te disse e repito: domingo iremos a todos os cinemas de S. Paulo...

— Não quero, já disse, quero ir hoje.

— Hoje, não pôde ser, estou sem vintém.

— Vá pedir 5\$000 emprestados a seu Manuel da venda. Nós gastamos mais de 300\$000 por mez, lá, na casa d'elle, pode muito bem emprestar-nos 5\$000.

— E'... Gastamos realmente, mas o diabo é que gastamos 300\$000 e só lhe damos 100\$000 por conta, todos os fins de mez. Como diabo queres tu, Marietta, que eu vá á venda do Manuel pedir-lhe dinheiro, quando lhe devemos mais de 200\$000?!

— Devemos, não, senhor. Dobre a lingua. Eu

não lhe devo nada, graças a Deus. Você é que deve...

— Pois, sim, serei eu...

— Mas, então, como é, vamos ou não ao cinema?

— Impossível, minha amiga.

— Impossível?! Pois então fique sabendo que eu vou requerer o meu divorcio. Não aguento mais esta vida! Não estou disposta a ficar apodrecendo, aqui, em casa, sempre presa entre estas quatro paredes, como uma freira.

— Faze o que entenderes...

— Pois faço mesmo! Vou requerer o nosso desquite. E, só assim, poderei ir, quantas vezes quizer, ao cinema!...

— Não sejas tolinha. E com que dinheiro te has de manter?

— Ora... Com a renda da minha casa do Guapira...

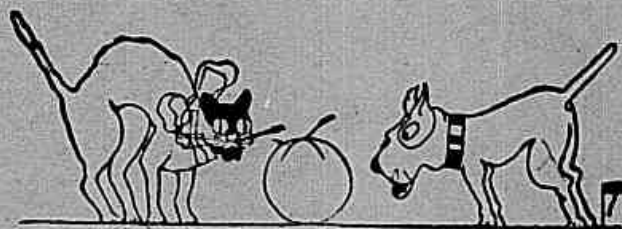
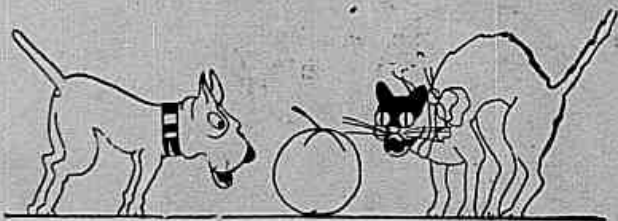
— E o dinheiro para o cinema, onde o irás arranjar?

— Ora... Vendo a minha casa do Guapira!...

— Bem. Não chores mais. Não é preciso requereres o divorcio, nem venderes o teu magestoso Palacete do Guapira, esse famoso palacete de pau a pique, coberto de sapé... Levarte-hei ao cinema, mas... só hoje, estás ouvindo?

— Ai! como eu gosto de você, Casusinha!...

EUCLIDES DE ANDRADE



**Blenorrhagia, Rheumatismo,
Hemorrhoides, Ulceras antigas, Doen-
ças das senhoras**

TRATAMENTO RAPIDO E EFFICAZ PELA

DIATHERMIA

— **DR. ISAAC VERNET** —

RODRIGO SILVA, 6-de 1 ás 5 horas

Teleph. C. 3293

Possúeapparelhosecoltamqualquermalesicioaos
doentesefazapplicaçõesemdomicilio

FARINHA PERY

— Obtida da mandioca pelos
processos mais aperfeiçoados

— Analyse n. 3724 do Laboratorio Bromatologico —

PARA AS CRIANÇAS,
CONVAL^{ES}SCENTES E PESSOAS
FRACAS

Recommenda-se pela sua pureza e proprie-
dades alimenticias.

Empregada com vantagem nas applicações
culinarias de qualquer natureza, taes como,
môlhos, sopas, pães, pudins, mingaus, crê-
mes, bolos, doces, etc.

PLINIO CAVALCANTI & C.^{IA}

Alfandaga, 147 Tel. N. 3394

RIO DE JANEIRO

Cabellos á Ingloza e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1574

Dr. Luiz Sampaio

**MEDICO OPERADOR E PRATICO
CONSULTORIOS: RUA LARGA 55**

Telephone Norte 5184,

das 10 ás 2 da tarde; gratis aos pobres.

RODRIGO SILVA, 26 (esq. da Rua da Assembléa)

Telephone Central 6181, de 4 ás 6 horas.

**ATTENDE A CHAMADOS COM A MAIOR PRES-
TEZA POSSIVEL**

**BLENORRHAGIA, CYSTITE,
CATHARRODA BEXIGA**

Tratamento rapido e completo com a

*Injecção Anti Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e*

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA. 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extraída á vista do publico nesta Capital.

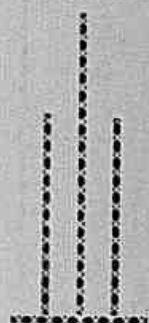
CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Itabora-
rá, 67. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.

Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.

ACABA DE APPARECER

EM NOVA EDIÇÃO

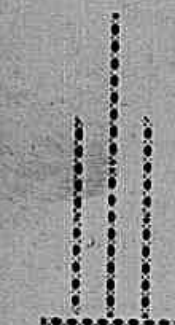
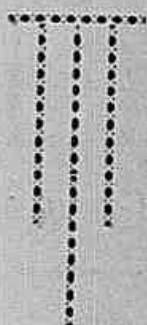


O escriptor
mais lido e
popular do
Brasil!

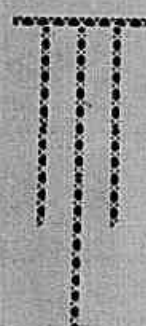
O autor mais
alegre!

O humorista
mais subtil.

.....
Cada volume
de
407 paginas
5\$000
encadernado
6\$500



Cada volume
contem 120
contos mali-
ciosos e do
mais fino es-
pirito desti-
nados a fazer
rir o homem
mais triste e
a sorrir a
mulher mais
melancolica



~~~~~ PEDIDOS A ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
**RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19**

..... RIO DE JANEIRO .....

Impr. na Casa HOEPFNER & C.ª Ltd. — Av. Mem de Sá, 236-240 — RIO